

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**EMBATES DE MASCULINIDADE: DOS PÁSSAROS AOS
HOMENS OU DOS HOMENS AOS PÁSSAROS?
Pesquisa entre Homens Criadores de Pássaros Residentes na
Comunidade de Lagoa Encantada - Recife -PE**



Roberto José da Silva

RECIFE, FEVEREIRO DE 2007.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**EMBATES DE MASCULINIDADE: DOS PÁSSAROS AOS
HOMENS OU DOS HOMENS AOS PÁSSAROS?
Pesquisa entre Homens Criadores de Pássaros Residentes na
Comunidade de Lagoa Encantada - Recife -PE**

Roberto José da Silva

ORIENTADOR: Luis Felipe Rios do Nascimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

RECIFE, FEVEREIRO DE 2007.

S586e Silva, Roberto José da

Embates de masculinidade: dos pássaros aos homens ou dos homens aos pássaros? Pesquisa entre homens criadores de pássaros residentes na comunidade de Lagoa Encantada – Recife - PE. – Recife: O Autor, 2007.

96 folhas : il., fotos.

Orientador: Luis Felipe Rios do Nascimento

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 2007.

Inclui bibliografia.

1. Vida social. 2. Masculinidade. 3. competição. 4. Pernambuco – Recife – Comunidade de Lagoa Encantada. I. Título.

**CDU: 394 (2. ed.)
CDD: 390 (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2007/10**

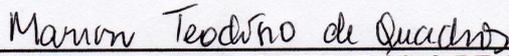
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia por Roberto José da Silva como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

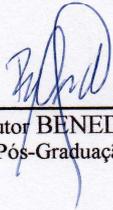
BANCA EXAMINADORA:



Professor Doutor **LUIÍS FELIPE RIOS DO NASCIMENTO**
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Professora Doutora **MARION TEODÓSIO DE QUADROS**
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Professor Doutor **BENEDITO MEDRADO DANTAS**
Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE

Data da Defesa: 02 de Março de 2007

RECIFE - 2007

Dedico este trabalho
com muito amor e carinho
a meus pais José Manoel da Silva e
Irene Eduardo da Silva (*In memoriam*),
que dentre as infinitas graças que me concederam,
me deram simplesmente a VIDA.

Ao abrir a janela do céu, Deus me perguntou: Filho qual é o seu pedido para o dia de hoje?

Eu respondi que queria que a pessoa que estivesse lendo essa mensagem, fosse a pessoa mais feliz do mundo. Pois ela é muito importante para mim.

(Autor desconhecido)

DESPEDIDA

(Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

Já está chegando a hora de ir,
venho aqui me despedir e dizer.
Em qualquer lugar por onde eu andar,
vou lembrar de vocês.

Só me resta agora dizer adeus.
E depois o meu caminho seguir.
O meu coração aqui vou deixar,
não ligue se eu acaso chorar,
mas agora adeus

AGRADECIMENTOS

- A Deus. Que me concede forças para realizar tudo na vida.
- A minha família (tios, tias, primos, primas, sobrinhos, sobrinhas, cunhados e cunhadas), mas sobretudo meus irmãos (as) Evandro, Eduardo, Emídio, Eva, Ernande, Francisca, Josinete, Fernando, Jaime e Inaldo. Os quais me forneceram a possibilidade de me posicionar enquanto sujeito social e que me deram muito apoio, mesmo sem saber direito para que eu estava estudando Antropologia.
- A CAPES, instituição que financiou esse estudo.
- Aos homens interlocutores e colaboradores da comunidade de Lagoa Encantada que me auxiliaram nesta pesquisa.
- A UFPE através do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, pela acolhida e atenção durante a minha estadia nesta instituição de ensino superior.
- Agradeço carinhosamente ao meu orientador, Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento, pela orientação, confiança, dedicação, convivência, oportunidade de aprendizado, demonstrações de amizade e companheirismo, mas, sobretudo, pela pessoa que ele é. Demonstrando que um Grande Homem não é aquele que faz com que os outros se sintam pequenos, mas aquele que faz com que os outros se sintam Grandes também. Tornei-me seu admirador Felipe!

- Aos professores (as) Antônio Mota, Cida Nogueira, Frei Tito, Peter Schröder, Renato Athias, Roberta Campos, Rosilene Alvim e Salete Cavalcanti. Os quais tiveram importantes participações na minha vida acadêmica como orientadores nas disciplinas que cursei. Muito obrigado pela oportunidade de conhecê-los.
- As professoras Lady Selma e Marion Quadros pelas participações e contribuições na banca de qualificação do projeto em 2005 e na pré-banca da dissertação em 2006. A luta continua teachers!
- Aos professores Modesto Escobar e Angel Espina. Pelos mini-cursos ministrados os quais foram fundamentais na minha construção acadêmica.
- A turma de 2005 do Mestrado, composta por Adão, Alexandre, Antoinette, Carmen, Cecília, Daniele, Ernesto, Fabiana, Geórgia, Jussara, Luciana, Luiz Antônio, Normando, Noronha, Tercina, Thiago e Wanda. Com eles (as) aprendi que não devemos deixar que nossas conveniências se sobreponham a nossas convicções.
- Aos amigos Adjair Alves, Letícia Querette, Paulo Rosas, Pedro Nascimento, Rita de Cássia, Sandra Simone e Valdonilson dos Santos. Os quais me deram uma excelente acolhida assim de minha chegada no PPGA.
- À Taciana Bezerra de Melo Costa, que sempre se apresentou para mim como uma referência pessoal ímpar nos momentos mais difíceis.

- À Maria de Fátima Paz Alves, que me mostrou que a vida tem seus próprios caminhos, muitas vezes incompreensíveis por nós.
- Aos amigos de graduação Marcelo Rodrigues, Macilene Silva e Laurileide Barbosa, pela presença sempre presente e apoio nos momentos de tristeza e alegria.
- As funcionárias do PPGA Regina, Ademilda, Ana, Miriam e Eliete. Pela atenção, cuidado e auxílio burocrático e alimentício.
- A meu amigo de infância Willian Ramos (Cojaque), que há quase 30 anos vem me tolerando com minhas ladainhas. Obrigado amigo.
- A Custódio Câmara, o popular “Todinho” que compreendeu minhas ausências quando necessitava estudar.
- A Marília Teixeira de Siqueira, que “chegou quando a dor mais doía e me encontrou quando eu me perdia”.

RESUMO

Esta dissertação investiga os espaços de sociabilidade masculina, identificando algumas regras e redes de significados no tornar-se homem, enfocando os embates de masculinidades simbolizados pelos torneios de canto de pássaros na comunidade de Lagoa Encantada bairro do Ibura. Na investigação foi mapeado como se processa a prática da criação de pássaros na comunidade, o seu circuito, os torneios que lá acontecem e os principais personagens que dela comungam. O estudo foi desenvolvido através de investigação etnográfica por meio de observações participantes, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas no próprio local da pesquisa. O número de sujeitos que colaboraram com o trabalho foi de 9 interlocutores, todos residentes na própria comunidade e que, de alguma forma, estavam envolvidos com a atividade; ou com a prática da criação de pássaros propriamente dita, ou com participação efetiva nos torneios de disputa de cantos. A etnografia aqui apresentada está distribuída em 4 capítulos que abordam desde a caracterização da comunidade investigada, passando pelas cenas e interações dos torneios, até a relação dos homens com os seus pássaros. A análise dos dados aponta para uma transferência de significados da personalidade do proprietário para o pássaro, em que ele atribui ao pássaro características da afirmação da sua identidade masculina, como também a atualização do modelo hegemônico de masculinidade quando dos embates ocorridos nos torneios.

PALAVRAS-CHAVE: Vida social, Masculinidade, Competição.

ABSTRACT

This dissertation investigates the spaces of masculine sociability, it identifies some rules and meanings nets in becoming man, focusing you strike them of masculinities symbolized for the sing birds matches in the community Lagoa Encantada, in Ibura quarter. At the inquiry it was mapped out how it processes the creation practical of birds in the community, its circuit, the matches that happen there and the principal actors. The study it was developed through ethnographic inquiry by means of participant comments, informal colloquies and interviews half-structuralized place of the research. The number of citizens that had collaborated with the work was nine interlocutors, all residents in the community and these people, of some form, they were involved with the activity; or with the practical one of the birds creation, or with participation it accomplishes in the sing bird matches. This ethnography is distributed in four chapters that they approach since the characterization of investigated community, it passing for the scenes and interactions of the matches, until the relation of the men with theirs birds. The data analysis points with respect to transference of meanings from the personality of the bird proprietor when they attribute to the bird characteristic affirmation of theirs masculine identity, as also the update of the hegemonic masculinity model from the strike occurred in the matches.

KEY-WORDS: Social life, Masculinity, Competition

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

DESCRIÇÃO	PÁG.
Figura 1: Lagoa Encantada 1	26
Figura 2: Lagoa Encantada 2	26
Figura 3: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 1	27
Figura 4: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 2	27
Figura 5: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 3	28
Figura 6: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 4	28
Figura 7: Vista da janela do meu quarto	30
Figura 8: Comissão organizadora do torneio	35
Figura 9: Preparação para a competição	39
Figura 10: A casa de Correia 1	45
Figura 11: A casa de Correia 2	46
Figura 12: Final da rua do colégio 1	47
Figura 13: Final da rua do colégio 2	48
Figura 14: Cenário da competição 1	61
Figura 15: Cenário da competição 2	62
Figura 16: Círculo dos homens assistindo a competição	63
Figura 17: Pedestais para as gaiolas	65
Figura 18: Homens assistindo o aquecimento	66
Figura 19: Retirada das gaiolas depois do aquecimento	66
Figura 20: Homens assistindo a classificatória 1	68
Figura 21: Homens assistindo a classificatória 2	68
Figura 22: Troféu e medalhas	69
Figura 23: O antropólogo na competição	70
Figura 24: Disputa final 1	71
Figura 25: Disputa final 2	72
Figura 26: O grande vencedor	73

SUMÁRIO

DESCRIÇÃO	PÁG.
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
1. O DESPERTAR NA PESQUISA A descoberta dos pássaros e a re-descoberta dos homens	23
1.1 Um pouco do muito sobre o Ibura e a comunidade de Lagoa Encantada	23
1.2 A descoberta dos pássaros e a re-descoberta dos homens	29
1.3 Entrada no campo; homem x jogo/competição	30
CAPÍTULO II	
2. OS HOMENS E O CIRCUITO DA CRIAÇÃO	34
2.1 Os homens	34
2.2 O circuito da criação de pássaros	42
CAPÍTULO III	
3. “UM JOGO ABSORVENTE”	53
3.1 A Associação dos criadores e os torneios de canto de pássaros oficial	54
3.2 O momento do início dos embates: antes do torneio	55
3.3 O antropólogo na competição	58
CAPÍTULO IV	
4. DOS HOMENS AOS PÁSSAROS, DOS PÁSSAROS AOS HOMENS: A dimensão agonística do “Papa Capim”	75
4.1 Sobre os nomes dos pássaros	77
4.2 Os pássaros e os homens	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
BIBLIOGRAFIA	92

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1940, na Europa e Estados Unidos, quando mulheres feministas inseridas no meio acadêmico e sindical se mobilizaram e questionaram o androcentrismo da ciência e da política, que o mundo não é mais o mesmo. Através de grandes manifestações na academia e nos movimentos populares, as mulheres denunciavam as desigualdades entre os sexos que sempre as colocavam em desvantagem em relação aos homens nas mais diversas esferas sociais. Rompendo barreiras aparentemente intransponíveis, as mulheres nos últimos anos têm reinventado o futuro, transformando as relações de poder e abalado as concepções sobre a sua natureza pacata e submissa às ordens masculinas.

Conforme alguns estudos realizados no Brasil (Loyola 1994, Heiborn 1996, Vilela 1998), inúmeras mulheres definiram novas posturas do “ser mulher” livre e independente, e através da imprensa com publicações significativas sobre a participação feminina nas mais diversas atividades do espaço público trouxeram novas questões até então quase nunca refletidas anteriormente. Com a interferência e atuação de muitas mulheres valores sociais passaram a ser revistos; as relações entre os sexos dentro e fora de casa tomaram novas configurações, as relações familiares e as formas de estrutura da família foram questionadas e alterada sua concepção (Scott, 1995).

Todo este cenário remeteu a uma discussão que passou a problematizar essas relações sociais como objeto de estudo e reflexão. A princípio, uma inicial rejeição ao determinismo biológico, através do qual se utilizava o sexo como norteador das desigualdades entre homens e mulheres, e em seguida o surgimento de um conceito

político e analítico da construção dessas relações passaram a oferecer um novo enfoque nos estudos destas desigualdades.

Heilborn (1999), por exemplo, afirma que para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa mesma sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constrói sobre eles. O debate vai se constituir então, através de uma nova linguagem, na qual teremos “Gênero” como conceito fundamental.

Assim foi que se despertou para a necessidade de aprofundar este conceito, que surgiu como instrumento de crítica do mundo social, que busca através da reflexão sobre relações entre homens e mulheres atingir uma melhor compreensão do mundo em que se vive, e não apenas isso, mas também promover equidade e justiça. Esta busca se dá no plano dos valores e em interface com as normas de Declaração dos Direitos Humanos. De outra forma, promover a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres; uma maior participação das mulheres na vida pública e no mercado de trabalho, assim como uma maior participação dos homens na vida privada com responsabilidade na vida sexual e reprodutiva do casal e com a divisão das atividades domésticas.

Contudo, a maioria dos estudos e pesquisas durante um primeiro momento, de uma forma geral, foi concentrada nas questões que envolviam as mulheres e sua relação na sociedade. Só a partir da década de 1980 é que os homens passaram a ser pensados também a partir da perspectiva de gênero. Villela (1998) nos diz que foi a partir das reflexões sobre as relações entre os sexos, questionando-se, sobretudo a masculinidade hegemônica (branca, heterossexual e dominante) que se passou a ter uma compreensão mais abrangente sobre como homens e mulheres se relacionam e produzem sentido sobre suas práticas nas diversas culturas.

A mesma autora afirma que, mesmo assim, os homens têm sido pouco focalizados nos estudos de gênero e, quando referidos, são visualizados a partir de suas relação de poder e hierarquia na sociedade, principalmente em relação às mulheres. Só a partir dos anos 90 os trabalhos sobre masculinidade, como os mencionados na coletânea organizada por Arilha, Ridente e Medrado (1998), por exemplo, trouxeram relevante contribuição para os estudos de gênero, ao apresentar a problemática a partir da perspectiva dos homens e a levantar questões de maneira ordenadas desenvolvidas pelos estudos feministas.

É neste campo que se insere esta dissertação que tem como proposta a de analisar o processo de construção da identidade masculina na inter-relação com práticas coletivas que envolvem competições.

Conforme Connel (1997), o processo histórico substitui a evolução biológica como forma de transformação, e o gênero existe na medida em que a biologia não determina o social. A masculinidade está, segundo ele, centrada nos processos e relações por meio dos quais os homens e mulheres levam vidas imbuídas em gênero. Assim como a feminilidade, a masculinidade ocupa um lugar na dimensão simbólica e nas relações sociais e institucionais. Tanto a masculinidade quanto a feminilidade são construídas socialmente, são históricas, mutáveis e relacionais (Connel, 1997).

No que se refere ao processo de construção da identidade masculina, Ramires (1997) sinaliza que este se desenvolve de maneira complexa, desigual e variável dependendo do contexto. De forma ampla, aponta que esta se dá como oposição ao ideal de ser mulher. Nesse mesmo sentido, Vale de Almeida (1995), diz que é através da subordinação social da “cultura da mulher” que o homem firma uma rejeição do feminino. Ou seja, o menino precisa estabelecer uma relação de identificação com o masculino - representado pela figura do pai em muitos casos - e um afastamento da

identificação com o feminino – representado pela figura da mãe - coibindo impulsos e inclinações incompatíveis com o ser homem fundamentalmente depreciando adjetivos femininos no mundo externo.

Kimmel (1997) também propõe que a masculinidade é uma construção social que varia em diferentes culturas, através do tempo e entre os grupos que compõem uma sociedade. Esta construção social se dá através de relações entre os atores e seu significado também se modifica ao longo da vida de distintos homens.

A vivência da masculinidade, segundo Kaufman (1997) é construída socialmente e se desdobra como um universo em que o ser homem se apresenta como um ser desprovido de sentimentos. Estes quando aparecem são referidos enquanto um instinto emocional em suas trajetórias de vida que surge quando os homens são postos em disputas.

Outro fator bastante significativo e que norteou as bases de minhas observações foi como os homens que me propus a investigar vivenciavam entre si o que Bourdieu (1999) chamou de *masculinidade como nobreza*¹. Através dos embates que frequentemente ocorriam entre eles, tanto nas conversas quanto nas competições que pude presenciar, verifiquei uma sutil, mas constante atualização disto que o autor descreve, ou seja, uma relação de papéis simbolicamente representados e que suas vivências colocavam homens em condição de menor prestígio social, subordinados em relação a outros homens.

A relação dos homens com a competição foi tematizada por Bichara (1999), que considerou um ponto importante para o estudo da sociedade masculina. Ele focaliza seus estudos nas competições cotidianas quanto ao aprendizado de um fenômeno

¹ Injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado nos quais somos lançados nos preparam a aceitar como naturais, evidentes e inquestionáveis prescrições e proscições arbitrárias que, incluídas na ordem das coisas imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos.

“espontâneo”, mas que possui o mesmo planejamento e rigor das grandes competições (Futebol, Vôlei, Basquete, por exemplo). Muitas vezes sem interferência das associações que regulamentam essas práticas, alguns homens promovem eventos complexos em que os elementos apresentados exercem sentidos e movimentam os valores referentes à identidade masculina, articulando idéias de prestígio e poder, de uns frente a outros.

Welzer-Lang (2002) diz que os processos competitivos se desenvolvem através do aprendizado e do respeito dos códigos e dos ritos que se tornam, então, operadores hierárquicos.

Assim, nos jogos tradicionais de rua, os homens se engajam em regras com posturas definidas simbolicamente, sem nenhuma referência à escrita, parlamento ou a alguma propriedade institucional. Para Neto (1999), as atividades de competição se apresentam, para os homens que delas participam oportunidade de mostrar-se como seres humanos exercendo as capacidades humanas de apropriação e transmissão de práticas culturais (Neto, 1999 e Pontes, 1992).

Pereira, (1995) em seu artigo intitulado “Que homem é esse? O masculino em questão” e Cecchetto, (2004) em sua pesquisa sobre violência e estilos de masculinidade também chamam a atenção para a relação entre masculinidade e competição, nos mostrando que em vários estudos etnográficos é recorrente o surgimento da masculinidade como atributo a ser conquistado por meio de disputas ou provas. Para eles, o incentivo aos meninos para afirmarem sua virilidade por meio de provas dramáticas em quase todas as sociedades humanas, torna a aquisição da masculinidade um processo de rivalidade.

Frente aos apontamentos dos supra-citados autores, fiquei me questionando como tal dinâmica social – que envolve os homens em disputas por prestígio e poder, no

engendramento mesmo daquilo que “os permite ser” masculinos – se atualizaria (se é que se atualizaria) na comunidade que eu mesmo fui engendrado homem.

Pelada, dominó, garrafão, barra bandeira, bola de gude e pipa. Uma série de jogos e atividades lúdicas que contribuíram e contribuem na apreensão de signos e significados (Geertz, 1989) de ser homem (e ser mulher), comuns na comunidade de Lagoa Encantada. Ressaltando que optei em lá mesmo realizar minha pesquisa.

Em um primeiro momento decidi que observaria todas. Que deixaria que, a partir de minha (re) inserção no campo, desta feita como pesquisador antropólogo (ainda que nativo), ela própria me apontasse uma destas para aprofundar a discussão sobre a construção da identidade masculina na interface com as competições.

Quando da descoberta dos pássaros e o conjunto de atividades que os circulam - os quais serão escritos e analisados nos capítulos que se seguem – delimito melhor meu objetivo em competições nos torneios de pássaros e desdobro o supra-citado objetivo geral em objetivos específicos que se seguem:

- Descrever os principais cenários propícios à prática dos torneios de canto de pássaros; entre os homens da comunidade de Lagoa Encantada, bairro do Ibura - Recife – PE;
- Caracterizar os participantes da prática de criação de pássaros;
- Assinalar as dimensões simbólicas contidas na relação estabelecida entre homens e pássaros atentando para os elementos de competição e sua possível relação com a construção da identidade masculina.

No que se refere ao trabalho de campo, este teve dois momentos: no primeiro, munido do objetivo geral, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2006, transitei por todos os espaços da comunidade na busca de um objetivo específico, mas ainda sem um recorte preciso, ou seja, caminhei junto às pessoas do bairro, parei e tomei cerveja nos bares lá existentes na tentativa de me aproximar dos homens que seriam sujeitos da pesquisa.

O segundo momento, a partir de março de 2006, descoberto os pássaros percorri um campo mais amplo, os locais nos quais transitavam os criadores na preparação dos pássaros, incluindo os torneios realizados na comunidade e em outras localidades.

É importante ressaltar que eu estive, na maior parte do trabalho de campo, me comunicando com homens passarinhos ligados por laços de amizade construído por participarem todos de um mesmo fato, e que através da comunhão das mesmas práticas mantínhamos relações. Isso implicou que meu olhar sempre esteve marcado pela própria visão que estes têm sobre o campo em que interagem (Rios, 2004).

Para a coleta de dados me utilizei, sobretudo, de observações participantes e entrevistas temáticas, onde os meus interlocutores me forneciam detalhes e explicações sobre o que eu havia observado. No total foram entrevistados 9 homens com idade entre 18 e 35 anos e as entrevistas tratavam de buscar conhecer como aqueles homens estabeleciam relação da prática de criação de pássaros com o fato de “ser homem” e como este fato de “ser homem” se relacionava com os torneios de canto de pássaros. Com eles também foram realizadas entrevistas com enfoque biográfico, onde busquei obter informações sobre a vida cotidiana de cada um deles no intuito de localizar o hábito em questão na totalidade de suas existências.

Vale enfatizar que na abordagem adotada eu possuía um propósito (a criação de pássaros e a relação desta com a configuração de masculinidade). Entretanto, não pude

deixar de considerar, conforme afirma Rios (2004), que os sujeitos, em suas elaborações discursivas, constroem e reconstroem múltiplas narrativas na perspectiva de dar sentido ao mundo e a si próprios, mudando, acrescentando, apagando vivências, contradizendo-se, reinventando a si, sua história e ao mundo a fim de se apresentarem em um todo coerente e em dependência da própria relação que estabelecem com o entrevistador.

As entrevistas foram realizadas nos próprios locais onde os fatos aconteciam, onde busquei estabelecer através de escutas, maior proximidade entre entrevistador e entrevistado e os cenários apropriados.

Durante vários dias em que estive convivendo com meus interlocutores e vivenciando junto a eles suas práticas, 95 dias consecutivos para ser exato, eu ia me convencendo de que o método etnográfico² seria como havia planejado, o mais adequado para o tipo de investigação que me propunha e a técnica da observação participante³ me daria uma melhor dimensão da cultura em estudo, pois era significativo para mim o desejo de viver os sentimentos que marcou um período importante da disciplina antropológica iniciado com o trabalho de campo e assim me aproximar do outro em sua forma mais essencial, básica. No meu caso, entre homens e pássaros fazendo alusão aos recortes teóricos e metodológicos que orientaram a pesquisa e, antes de passar para a apresentação dos resultados e análises, nas linhas que se seguem informo o que o leitor encontrará nos quatro capítulos que se seguem.

No primeiro capítulo encontram-se algumas informações sobre a comunidade investigada (dados demográficos, localização e ilustrações). Faço algumas

² Refere-se à análise descritiva das sociedades humanas e dos seus aspectos culturais. Ele consiste no levantamento de todos os dados possíveis com a finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos (MAIR, 1972).

³ Essa técnica de natureza qualitativa, utilizada desde o início do século passado na Antropologia consiste basicamente na convivência direta com as pessoas pertencentes ao grupo que se pretende investigar com objetivo de obter-se uma compreensão mais aprofundada de seu modo de vida, visão de mundo ou outro aspecto qualquer que se pretenda investigar. Ela permite se bem utilizada, uma maior aproximação com “o outro”, uma melhor compreensão e relativização de sua conduta, diminuindo a possibilidade de uma visão preconceituosa e etnocêntrica deste (Alves, 2003).

considerações de como se deu a descoberta dos pássaros e a (re) descoberta dos homens no campo de observação e também mostro os caminhos que me conduziram para a realização da pesquisa. No segundo capítulo traço detalhadamente o perfil dos interlocutores da pesquisa e descrevo como se organiza o circuito da criação de pássaros na comunidade de Lagoa Encantada. O terceiro capítulo eu o chamo de “um jogo absorvente” e nele enfoco como funciona a Associação Pernambucana dos Criadores de Pássaros, cito uma cena ocorrida na comunidade e que se configurou num embate de masculinidade antes do torneio, bem como discorro sobre a presença do pesquisador numa competição de canto de pássaros. O quarto e último capítulo é dedicado às análises da dimensão agonística do “papa capim”, o significado de seus nomes e as relações existentes entre os pássaros e os homens na sociedade. Nas considerações finais trago algumas reflexões acerca da pesquisa realizada sob a óptica das ciências sociais e finalizo pontuando algumas constatações relativas ao que significa ser homem e está envolvido no contexto da criação de pássaros.

CAPÍTULO I

1. O DESPERTAR NA PESQUISA: A descoberta dos pássaros e a re-descoberta dos homens

Você precisava ver menino! Era uma coisa que só vendo. Lá para as 3 da manhã aparecia ouro, jóia, “trancelim” de prata e todo o tipo de coisa bonita. Quem visse era enfeitiçado e ia para a lagoa, aí era que dançava, porque se encantava nela.

(Seu Nezinho, barbeiro relatando sobre o surgimento do nome Lagoa Encantada).

Lagoa Encantada me veio à mente como um campo para pesquisa, quando eu morador do local, observando a sua rotina, me dei conta que compartilhava de hábitos e rotina semelhantes as dos homens descritos nos estudos de masculinidade de Kimmel (1997), Connell (1987), Vale de Almeida (1995). Como morador da comunidade há bastante tempo e sendo este um bairro já bastante investigado pelos pesquisadores do FAGES/UFPE, por extensão decidi fazer dele meu campo de inquirição mais aprofundada junto a um grupo de homens que lá vivem.

1.1 Um pouco do muito sobre o Ibura e a comunidade de Lagoa Encantada

A comunidade de Lagoa Encantada ou UR (Unidade Residencial) 12 é uma das vilas residenciais pertencentes ao bairro do Ibura. O Ibura faz parte da RPA – Região

Política Administrativa 6, sul da cidade do Recife. Conforme estudo de Santos (2003), este bairro é constituído por 25 áreas pobres, assim conhecidas: Zumbi do Pacheco, Asa Branca, Chapéu do Papa, Conjunto 27 de Novembro, Direito de Amar, Dois Carneiros, Dois Rios, Monte Verde, Lagoa Encantada, Parque Nacional, Rio Largo Carneiro, UR's 1, 2, 3, 4, 5, 10, Vila Aeromoça, Vila das Crianças, Vila dos Milagres, Vila 27 de Abril, Vila Esperança do SESI, Vila Tancredo Neves e Três Carneiros. Quanto ao relevo, trata-se de uma região de morros, sua formação se deu por volta dos anos 60, ligada à construção de conjuntos habitacionais pelo Governo do Estado, para abrigar vítimas de enchentes (especialmente a de 1966) e outros moradores urbanos. Lá residem mais de 112.815 habitantes (IBGE, 2000), onde 58.834 destes são compostos por mulheres ao passo que 53.981 representam homens, ou seja, 52,15% e 47,85% respectivamente. Eles são distribuídos em três áreas: as unidades residenciais, que se originaram de programas do governo, as que foram se constituindo por meio de concessões e vendas de lotes para particulares e as ocupações formadas nos interstícios, ladeiras e terras ao redor das comunidades (Longhi e Quadros, 2002).

Segundo dados do censo de 2000 do IBGE, a maior parte da população (52,09% dos moradores responsáveis pelo domicílio) recebe até 2 salários mínimos. Mais de 49% da população possui entre 0 e 24 anos. Tem como característica a convivência de várias comunidades com graus diferenciados de estabilidade econômica e condições de moradia. Por sua vez, o Ibura chama a atenção pelo número elevado de adolescentes grávidas, destaca-se quanto aos óbitos por causas externas associados à violência e possui a maior incidência de ocorrências de crimes sexuais contra crianças e adolescentes (Longhi e Quadros, 2002). O Ibura, portanto, além de possuir um grande número de homens (47,85% do número total dos habitantes), tem uma acentuada

quantidade destes que tem como hábito a criação de pássaros⁴ motivo pelo qual se faz importante uma investigação desta prática que conjuntamente são compartilhadas por eles.

A lagoa Encantada é uma comunidade jovem, tem seu início datado na década de 80, surgiu da construção de unidades habitacionais para atender as demandas populacionais deste período e sua localização é bastante propícia para a atividade de criação de pássaros. Lá existe uma grande quantidade de área verde que forma um cenário ideal para que também pássaros livres povoem as árvores cantarolando e tornando este ambiente parecido com uma floresta. Ela é cortada por uma avenida, Doutor Benigno Jordão de Vasconcelos, que é partida ao meio por um grande canal que deságua no local onde havia uma antiga lagoa que deu origem ao nome do bairro (ver figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6). Diz a lenda que durante a madrugada, objetos preciosos apareciam flutuando na lagoa e atraíam quem os visse para dentro dela e que depois eram sugados por uma espécie de areia movediça, se encantando em suas águas. Hoje em dia essa lagoa não existe mais, foi aterrada para a construção de casas em virtude do desenvolvimento urbano e do aumento da densidade demográfica.

⁴ Que fazem dessa prática uma atividade que envolve em alguns casos comércio, com trocas, vendas, alta ou baixa cotação dos pássaros, torneios de canto.



Figura 1: Lagoa Encantada



Figura 2: Lagoa Encantada



Figura 3: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 1



Figura 4: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 2



Figura 5: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 3



Figura 6: Avenida Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos 4

1.2 A descoberta dos pássaros e a re-descoberta dos homens

Foi numa manhã de um dia ensolarado ao acordar e olhar pela janela de meu quarto (ver figura 7), que observei, além da dinâmica rotineira da comunidade (pessoas caminhando, homens e mulheres saindo para o trabalho, crianças e adolescentes se dirigindo à escola, ônibus circulando, idosos tomando banho de sol etc.) algo muito insólito acontecer: uma mulher caminhando com uma gaiola contendo um pássaro. Aparentemente nada de anormal, se esse fato não fosse hábito rotineiro dos homens.

Na realidade, diversos são os rapazes que diariamente madrugam para desfilar pela comunidade exibindo seus pássaros cantadores. Eles fazem isto num circuito que possui locais específicos onde se encontram e juntos produzem uma prática que se configura como uma das muitas faces do bairro. Mas uma mulher jovem e casada caminhando com uma gaiola na mão me causou estranheza naquele momento. Tratava-se de Maria, esposa de Alex, um dos homens que também faz esse percurso e que reside próximo a minha residência.

Naquele exato momento pensei: por que não fazer uma etnografia sobre os diversos aspectos que se desdobram a partir da criação dos pássaros pelos homens da comunidade de Lagoa Encantada? Visto que esse hábito, predominantemente masculino, propaga-se e se renova de geração em geração, de pai para filho, de irmão para irmão e, em alguns casos, como no meu estranhamento inicial, onde ao ver uma mulher caminhar com uma gaiola num passeio matinal, perceber que alguma coisa estava fora do lugar, remetendo esse hábito para o campo das masculinidades em que me vi então, diante de um desses fenômenos que assume a focalidade quando se quer entender uma dada cultura.



Figura 7: Vista da janela do meu quarto

1.3 Entrada no campo; homem x jogo/competição

O envolvimento nas atividades cotidianas dos homens, não mais apenas como morador, mas sim como pesquisador durante os dias em que estive presente na comunidade me deixou reflexivo sobre qual a melhor maneira de colher as informações, visto que, no período em que redigi o projeto de pesquisa, achava eu que não teria grandes dificuldades em obter os dados necessários através de entrevistas e observações no próprio local onde residem. De fato, a proporção em que eu me envolvia e me aprofundava no universo dos meus interlocutores, que participava de rodas de conversas sobre mulheres, discussão sobre drogas e alcoolismo, torneio de canto de pássaros, jogos de dominó e futebol, nos quais, outrora não me fazia presente com tanta

freqüência, mesmo residindo na comunidade há vinte e cinco anos, aos poucos eu percebia que as dificuldades se tornavam cada vez maiores.

Por outro lado, por maior que fosse o envolvimento que eu tivesse com meus interlocutores, conscientizei-me de que não era capaz de captar a profunda dimensão de seus sentimentos, pois suas rotinas se configuravam naquilo que ia além do que eu, antropólogo neófito, possuía a capacidade de perceber: de entender quem as pessoas de determinada formação cultural acham que são, o que elas fazem e por que razões elas crêem que fazem o que fazem (Geertz, 1989).

O fato é que embora residindo em Lagoa Encantada, aos poucos minha trajetória de vida me afastou dos espaços de convivência próprios dos homens da comunidade. Alguns homens que naquele momento se tornaram interlocutores da pesquisa foram contemporâneos meus no colégio estadual do bairro, estudando a antiga quarta série primária. No entanto eles não conseguiram ou não quiseram seguir a carreira de estudante; eu fui o único da *turminha* que teve a oportunidade de ingressar numa universidade pública e concluir um curso superior. Este fato evidentemente me colocou em diferentes circuitos de inserções na sociedade há mesmo tempo, minha presença era respeitada pelo grupo, pois havia por parte deles uma admiração pelo amigo de infância que conseguiu trilhar um outro caminho, e com esta condição me foi atribuído um lugar de destaque perante os demais. Essa posição de ambigüidade me fazia por um lado estranhar o que via, apontando para o fato de que o trabalho não seria apenas de mostrar ou de registrar o que eu já entendia no outro, mas também de (re) descobrir os homens de Lagoa Encantada. Assim fui favorecido nos momentos em que eu direcionava um tipo de conversa para algo que se apresentasse importante no momento, ou seja, a existência de uma “familiaridade” com o grupo auxiliou na aquisição das informações necessárias.

Neste sentido, deparar me então com as dificuldades comuns a todo o pesquisador de campo de inserção no local de pesquisa: estranhar o idêntico e transformar o estranho em familiar. Ainda que para mim isso não se apresentasse como havia lido nos livros (ver Goldenberg, 2000; Boas, 2004; Malinowski, 1978), e residir no local onde se faz a etnografia, causa a impressão que o trabalho seja facilitado - não se tenha dificuldade no deslocamento, haveria o conhecimento do local e proximidade do grupo – não obstante, a experiência de etnografar a comunidade onde cresci me mostrou que as armadilhas do método, descritas por Cardoso (1988), podem causar dificuldades para o antropólogo. Ao me lançar de fato no fazer, deparei-me com um mundo repleto de novidades e contextos que, à proporção que eu enveredava por ele, tinha a real sensação de que algo novo estava prestes a acontecer a qualquer momento.

Melhor recortado o objetivo, passei a voltar minha atenção para tudo que envolvia homens e pássaros, ainda assim, percebia que faltava me envolver mais nas atividades que o grupo fazia. Foi quando eu pensei: Como fazer para sentir o que eles sentem? Como viver como eles vivem? A resposta me chegou em segundos, devo ter um pássaro. Falei com um rapaz que se tornaria mais tarde um dos meus interlocutores privilegiados⁵ e pedi que conseguisse emprestado um pássaro para que eu realizasse a pesquisa, e ele conseguiu.

Falei com Cadú e ele me emprestou um de seus pássaros da espécie *Dolospingus fringilloides* conhecido como *Papa Capim* ou *Cabeça Preta* que havia sido nomeado de *Zidane*, e era um dos melhores na cotação dos pássaros de sua espécie.

Zidane foi logo bastante conceituado pelas pessoas do grupo que me envolvi. Era valorizado pelos atributos que um pássaro deveria ter, (cantava *tuí tuí limpo* e não

⁵ Que no circuito dos criadores é um dos responsáveis pela organização dos torneios de canto de pássaros no bairro, além de possuir registro no Ibama em que seus pássaros são legalizados não causando para mim infração das leis ambientais ou de outra ordem.

grego – melodia adquirida que valoriza os pássaros dessa espécie – *era bonito de pena* – sua plumagem com cores fortes o tornava admirável esteticamente – *não esfriava* – quando ouvia outro da mesma espécie cantando, continuava a cantar; atributo muito valorizado perante os criadores e que mais tarde faria com que eu tivesse condições de inscrever num torneio de canto de pássaros, - *era manso e cantava na mão* – quando se caminhava com a gaiola na mão contendo o pássaro, ele cantarolava em toda a parte e não sentia medo dos automóveis e pessoas que passavam a sua volta.

Com o pássaro tive, de fato, a certeza que o trabalho seria facilitado, pois teria a liberdade de transitar pelos espaços onde aconteciam os fenômenos que almejava observar. Assim me engajei mais efetivamente na comunidade para (re) começar a conhecer os caminhos que deveria percorrer para me encontrar com os criadores e participar com eles em seus espaços.

CAPÍTULO II

2. OS HOMENS E O CIRCUITO DA CRIAÇÃO

2.1 Os homens

Para chegar aos objetivos propostos acompanhei mais diretamente a rotina de três homens interlocutores privilegiados durante o tempo em que realizei a pesquisa. Neste período entrei em contato também com vários outros homens que em sua maioria eram adultos jovens e com uma rotina que aos poucos foi se fazendo visível.

Pela manhã, logo cedo, cada um de nós se dirigia aos locais de exposição dos pássaros. Por volta das 10 horas retornávamos e nos concentrávamos em rodas de dominó ou de conversa nas calçadas discutindo assuntos relativos à comunidade (violência, futebol, fofocas, entre outros). Esta reunião se prolongava até por volta do meio dia, hora em que voltávamos às nossas casas para almoçar e acompanhar os noticiários policiais, que comumente são exibidos tanto no rádio como na televisão neste horário, voltando a nos encontrar à tarde para a tradicional *pelada*⁶.

Descreverei a seguir nove dos muitos homens (ver figura 8) que se envolvem com torneios de canto de pássaros. Farei breves descrições de forma que preferi utilizar nomes fictícios para manter resguardadas suas identidades⁷, pois alguns deles não

⁶Pelada, utilizando a definição de Santos (2003), é uma atividade jogada em campos de várzea, praças, ruas de pouco movimento, gramados de jardins públicos, terrenos baldios, praias. É um jogo de bola muito difundido entre crianças e adultos, sem distinção de idade. Em qualquer espaço, e com uma bola se pode jogar uma pelada, versão informal do popular jogo de futebol.

⁷ A atividade de criação e comercialização de aves silvestres sem o devido registro no Ibama, se configura como crime ambiental previsto na Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1988, que em seus capítulos e

possuíam registro no Ibama para a atividade de criação. Por isso farei uso deste expediente no sentido de manter a ética da pesquisa e não comprometê-los juridicamente.



Figura 8: Comissão organizadora do torneio

Nino, 31 anos, trabalha como promotor de vendas de uma cervejaria e há muito tempo exerce essa profissão. É casado e pai de duas filhas, uma de oito e outra de quatro anos de idade. Ele é o mais famoso criador de pássaros da comunidade. Possui registro no

artigos dispõe que os animais de quaisquer espécies, em qualquer fase de seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora de cativeiro, dentro dos limites do território brasileiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida sua utilização, perseguição, caça ou apanha.

É crime ambiental, punível com pena de detenção:

- Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre;
- Impedir a procriação da fauna;
- Modificar, danificar ou destruir ninho, abrigo ou criadouro natural;
- Vender, expor a venda ou exportar espécimes da fauna silvestre
- Adquirir, guardar, ter em cativeiro ou depósito, utilizar ou transportar espécimes da fauna silvestre, bem como seus ovos, larvas ou produtos e objetos dela oriundos.

Ibama e na Associação Pernambucana dos Criadores de Pássaros, é detentor de um papa capim “batizado” de *Burity* e que já foi campeão de quatro torneios, ficando em segundo lugar em um e em terceiro em dois. Ele é muito admirado pelos demais e se orgulha muito de ser proprietário desse pássaro. Quem tiver um pássaro valorizado por Nino adquire prestígio perante o grupo, pois também se tornará importante na comunidade e seu pássaro terá sua cotação aumentada perante os criadores. Quando ele gosta de um pássaro de alguém, a pessoa se sente honrada: “isso não é para qualquer um!” Ele também é o principal organizador dos torneios de cantos de pássaros (que serão enfocados com mais detalhes em outro capítulo), os quais acontecem frequentemente, atraindo diversos criadores de toda a parte do Recife, distribuindo medalhas e troféus como premiações.

Magal, 30 anos é solteiro, vive de biscates e constantemente o vi junto a homens mais velhos bebendo e participando de rodas de conversa. Também cria pássaros como os outros interlocutores, mas a sua participação no grupo não foi tão freqüente. Ele reside com a mãe, separada do seu pai aproximadamente a dois anos, e dois irmãos mais novos. Tem uma filha de três anos, mas segundo ele não assumiu a paternidade, levando algumas contribuições para a criança quando pode. Ele é um dos responsáveis pelo intenso comércio de pássaros que ocorre na comunidade, pois conhece muita gente. Sabe dos pássaros que todos têm e, motivado por uma gratificação financeira, viabiliza o pássaro que se quiser adquirir. Durante o período em que realizei a pesquisa, havia conseguido um trabalho com carteira assinada, mas logo foi demitido por chegar algumas vezes atrasado.

Surubim, 23 anos, é solteiro, não tem trabalho e mora somente com a mãe. Seu pai é falecido e, pelo fato de estar desempregado, ainda não possui condições financeiras para possuir um pássaro de valor. Sua presença na *roda* era freqüente, mas pouco valorizada pelos outros criadores devida a condição de seu pássaro. Declaro, entretanto que ele sempre trazia alegria para o grupo; contava muitas anedotas. É um rapaz bastante criativo e vivia dizendo que quando puder vai comprar um *papa capim* para desbancar o de Nino nos torneios. Bastante conhecedor do universo futebolístico, suas táticas e técnicas, ele comumente faz diversas análises sobre o desempenho dos times e dos jogadores da comunidade. Os rapazes sempre falavam que ele daria sim um bom comentarista de futebol e, não um criador de pássaros.

Corrêa, 36 anos, casado e pai de uma filha de 13 anos. Trabalha numa “banca de bicho” em frente a sua própria residência. É o responsável por uma grande rotatividade de pássaros no circuito e se sente importante por esse fato. Diz que o fato de ser morador do bairro há tanto tempo – o que lhe confere uma grande credibilidade - e a qualidade dos pássaros que cria, seriam as causas principais das pessoas freqüentarem sua casa para fazerem rolo. “Sabe como é né, Capitão! Eu não vou na casa de ninguém. Se todo mundo vem aqui é porque aqui tem coisa boa”. Possui vários pássaros de diferentes espécies e, diariamente, com maior número de freqüentadores nos fins de semana, os criadores o procuram para se reunirem em frente a sua residência, com seus pássaros. Ele assumiu um papel importante neste trabalho ao ponto de escolhê-lo como um dos meus interlocutores privilegiados, porque me forneceu informações relevantes a respeito dos bastidores da criação e comercialização de pássaros, o que me auxiliou bastante para análise dos dados.

Cadú, 34 anos, é casado, não tem filhos e sofreu há dez anos um acidente de moto que o deixou em cadeira de rodas. Assim como Nino, possui registro na Associação e no Ibama e, por este motivo, solicitei a ele que me emprestasse um pássaro legalizado para realizar a pesquisa e não incorrer em alguma infração à lei. Tem um bom poder aquisitivo, devido ao fato de sua família ser possuidora de vários boxes de comércio na Ceasa. É juntamente com Nino e Corrêa, os três maiores expoentes na criação de pássaros na comunidade. Ele também possui um automóvel adaptado às suas necessidades e é comum vê-lo transitando em seu veículo pelo bairro juntamente com outros homens, indo para as casas de outros criadores, ou se dirigindo para outros lugares mais distantes para expor seus pássaros, ou como eles mesmos chamam “campear⁸”. É detentor de dois *papa capins* vencedores de torneios e conhecidos em todo o meio dos criadores. Um chama-se *Carcará* e o outro chama-se *Desafio*. Ambos ele considera o seu “maior patrimônio”: “Meus dois *papa capins* são as melhores coisas que tenho, porque aonde eu chego, eles não fazem feio e mostram pra todo mundo quem é que tem os melhores daqui”.

Alex, 23 anos, é casado, não tem filhos e na época da pesquisa trabalhava em um hospital. Ele é um dos responsáveis por manter os *papa capins* de Cadú em “ordem⁹”, devido às limitações físicas do mesmo, fazendo quase que diariamente vários percursos com os seus pássaros para deixá-los neste ponto de competição. Ele não possui pássaros. Sua fama perante o grupo é de ser um bom preparador para os pássaros dos outros, mas não se sente incomodado com isso. Segundo ele, “é melhor ser bom naquilo

⁸ Campear na Língua Portuguesa significa caminhar pelo campo, pelo mato a procura de gado. No sentido dos criadores é caminhar a procura de pássaro.

⁹ Nome que se dá quando o pássaro está pronto para competição; canta demasiadamente, quando encontra outro pássaro da mesma espécie se inflama ao ponto de querer brigar. Ordem é a etapa principal em que os pássaros devem atingir para serem mais valorizados.

que faz (se referindo ao fato de saber quais os percursos e as técnicas que são mais eficazes na preparação de um pássaro para os torneios) do que criar passarinho mutuca¹⁰”. Ele também tem um papel importante na organização dos torneios de canto de pássaros, pois prepara todo o cenário, distribui as gaiolas nos pedestais específicos (ver figura 9), organiza e distribui as fichas de inscrição dos participantes e auxilia na avaliação dos pássaros vencedores. Conforme escrevi anteriormente, foi a partir da observação de sua esposa, caminhando com seu pássaro - que posteriormente descobri tratava-se de um pássaro de Cadú - que me motivei a realizar este trabalho. Minha proximidade com Alex influenciou na sua escolha como um dos meus interlocutores privilegiados, pois a relação de confiança que mantínhamos por morarmos na mesma rua e nos conhecermos há bastante tempo eram fatores importantes para que houvesse um bom diálogo entre nós.



Figura 9: Preparação para a competição

¹⁰ Termo comumente utilizado para designar galos de briga (neste caso pássaros) surrados e medrosos e que servem para atizar a combatividade de outros.

Tuté, 32 anos, é casado, tem duas filhas, sendo que uma reside com os avós paternos. Trabalha, da mesma maneira que Alex, em um hospital. Ele é juntamente com Corrêa, um dos mais antigos criadores da comunidade. Conhece muitos homens que assim como ele faz muitas trocas de pássaros. Tuté não permanece durante muito tempo com um pássaro, mas valoriza os que conseguem fazer isto. Para ele, sua afinidade para comerciante “está no sangue” é o que o conduz para exercer essa prática com tanta frequência. Nunca participou de nenhum torneio realizado na comunidade, motivo pelo qual ele não é caracterizado pelos outros como um criador de direito¹¹. Contudo, ele me disse que não está preocupado com isto. “O importante Capitão é ter meus próprios passarinhos e não me misturar com esse pessoal que vive pra cima e pra baixo com gaiola no carro atrás de torneio”.

Hamilton, 28 anos, casado, não tem filhos. É um dos mais conceituados criadores da comunidade. É funcionário público e, juntamente com Nino e Cadú, é responsável pela organização das regras, datas e aquisição das premiações que são oferecidas aos pássaros que participam dos torneios de canto. Durante o período em que realizei a pesquisa ele não possuía pássaro, mas me falou que “logo, logo vai está na área de volta”. Também é registrado na Associação e no Ibama. Sua presença na comunidade era constante, participando das conversas sobre os resultados dos torneios: se foi justo ou não, quais os pássaros mais renomados do momento e quais os criadores que ganharam ou perderam dinheiro nas negociações.

¹¹ Criadores de direito é a prerrogativa para aqueles criadores que possuem registro no Ibama, que os seus pássaros possuem certidão de nascimento e que frequentemente se encontram para as disputas oficiais de torneios de canto de pássaros.

Mosca, 33 anos. É casado e tem quatro filhos, três meninos e uma menina. Recebeu esse nome devido ao seu biótipo físico (baixo peso, baixa estatura e aparentando bem mais idade do que tem). Está desempregado, seu último trabalho foi como cobrador de ônibus, mas sustenta sua família através de biscates que faz com frequência. Sua esposa reclama frequentemente dele, dizendo que todo o dinheiro que ele consegue dos trabalhos que realiza é para investimento em pássaros. Ele se defende dizendo que “se não fosse os *rolos* que faço a gente não tinha nem o que comer em casa. Num *rolo* às vezes eu ganho mais dinheiro do que uma *ôia*¹²”, conclui. Mosca não participa de torneios, sua forma de lidar com os pássaros se assemelha a de Tuté e Corrêa, ou seja, a de comercializar. No entanto, devida a grande rotatividade de pássaros que ele promove, é comum encontrá-lo com pássaros desejados pelos criadores de direito. Sua presença na comunidade é muito frequente, principalmente quando não está fazendo algum biscate.

Os estudos de Vale de Almeida (1995) nos mostram que o modelo hegemônico de masculinidade idealizado e almejado pelos homens, também é caracterizado pelo trabalho, e que o fato de estar desempregado, “sem ter o que fazer” e com gaiola na mão, inicialmente os remeteria para uma condição inferior de masculinidade. Reflexão que ficou evidente quando certo dia eu fui abordado uma das vezes em que caminhava com *Zidane*, por um amigo que estava aguardando um ônibus para ir trabalhar e ele me perguntou:

Ei capitão, (pseudônimo que me foi atribuído ainda na época que era adolescente pelo fato de que eu era quem escolhia o time para o jogo de futebol) tu tão grande e tão velho andando com gaiola na mão! Não tá na hora de arrumar um trabalho não?

¹² Termo também utilizado para designar um biscate realizado com uma pequena compensação financeira.

Percebi também e ouvi relatos que alguns dos homens aproveitavam a prática da criação de pássaros também como uma atividade rentável, utilizando-se da comercialização entre si, em substituição a um trabalho formal ou ainda para complemento de renda; outros viviam da informalidade ou de gratificações adquiridas pela realização de biscates. Havia também aqueles que eram profissionais e possuíam trabalho com carteira assinada, mas também utilizavam a prática para aumentarem seus rendimentos ou talvez por acreditarem que comercializar “era uma atividade que vinha do sangue”. Conforme o relato de Tuté quando eu pergunto porquê ele frequentemente faz permutas com os pássaros:

Eu não preciso ficar fazendo rolo com passarinho para viver, tenho meu trabalho e pago minhas contas com o dinheiro que ganho dele. Eu faço porque me sinto bem acho que é de mim mesmo. Se eu pudesse seria um bom comerciante porque rolo é comigo mesmo.

Este comentário representa uma das diversas concepções do que é ser homem e de como a atividade que escolhi para investigar inscrevem os seus praticantes no campo das masculinidades.

2.2 O circuito da criação de pássaros

Com o advento da “geração saúde”, diariamente, dezenas de pessoas ao raiar do dia aproveitam a extensão plana da avenida principal da comunidade para fazerem caminhadas em busca de uma melhor condição física e mental. Após ter constatado esse fato e me habituando a ter as mesmas práticas dessas pessoas, verifiquei que o percurso que elas faziam também era feito por alguns homens que criavam pássaros, foi então que comecei a fazê-lo também junto com *Zidane*. Aos poucos fui percebendo que não

estava conseguindo obter informações necessárias para a pesquisa, pois nesta caminhada não havia como parar e conversar com as pessoas que também caminhavam, assim como eu, com os seus pássaros.

Mesmo ciente desta dificuldade para conseguir chegar às informações que precisava, descobri que *acordar cedo e se dirigir ao mato com o seu pássaro*, era uma rotina necessária para que os homens fossem vistos como criadores e passarineiros.

Durante alguns dias percorri o mesmo caminho destes homens junto com *Zidane* e senti como um deles a importância daquele momento para que se consolidasse em nossas mentes um sentimento quase que obrigatório de compromisso matinal com o nosso pássaro – trocar sua água, repor o alimento que o pássaro havia comido desde o dia anterior e levá-lo ao mato - Esta rotina quase que inconsciente, mas cristalizada em nossas mentes também se constitui como uma das características do perfil de quem se predispõe a criar pássaros e frequentar os locais onde se vivencia essas práticas mutuamente, e, que, por conseguinte, acaba servindo de palco para que as representações das performances se tornem realidades.

A prática de criação de pássaros propriamente dita na Lagoa Encantada, caracteriza-se pelas condições oferecidas pelo bairro e pelo fato dela auxiliar para que esta atividade se torne elemento fundamental na sociabilidade masculina.

Assim que me dei conta dessa dinâmica, decidi dirigir-me para a casa de Corrêa¹³ e um dos locais onde a prática de criação de pássaros na comunidade se concretiza como espaço importante para a sua reprodução. A casa fica situada numa rua com pouco movimento de veículos e com vários lugares para exposição das gaiolas com os pássaros (ver figuras 10 e 11), são postes de iluminação, árvores, pregos fixados em muros, etc., ou seja, local que se apresenta adequado para que os homens criadores

¹³ Interlocutor que tem esse pseudônimo devido a um personagem representado por um ator numa novela de televisão nos anos 80 e que havia sido também contemporâneo meu na escola.

encontrem condições para se reunir e conversar. Lá, diariamente, com maior intensidade nos fins de semana, é comum que as pessoas se dirijam para um evento¹⁴ conhecido como *roda* – momento em que os pássaros são colocados para que eles demonstrem seu desempenho e sejam identificados os que estão em melhores condições de disputa. Ele é muito conhecido pelo grupo que pratica a atividade de criação de pássaros, há 28 anos ele mora na comunidade e é um dos responsáveis pela rotatividade dos pássaros naquela área. Após alguns dias indo a sua residência passei a ser conhecido pelos outros criadores e mais importante ainda, para o meu posicionamento enquanto membro do grupo; eu era detentor de um pássaro bastante valorizado por todos.

A casa de Corrêa se torna adequada para os encontros não apenas pelos fatores citados acima, mas também pela recepção que ele nos oferece. Ele é um rapaz muito bem informado sobre tudo o que acontece na comunidade, uma vez eu perguntei o que faz com que ele saiba de tantas coisas? A resposta foi curta: “eu não tenho culpa das pessoas virem até aqui para me contarem o que acontece.” – assim ele também se torna um dos responsáveis para a disseminação de informações na comunidade. Vale chamar atenção para o fato do mesmo residir no bairro há muitos anos, fazer com ele além de conhecer os homens que comungam da atividade de criação de pássaros, também tem sua credibilidade favorecida pelo fato de, em sua residência, haver um ponto de jogo de bicho¹⁵ - o que contribui para que os homens o procure para fazer suas apostas.

Diariamente Corrêa acorda às 5 da manhã, faz a sua caminhada com seus pássaros e logo volta para casa para recepcionar os amigos criadores que aos poucos vão

¹⁴ Neste sentido evento na abordagem de Sahlins (1990), é feita uma referência no sentido de que se transforma naquilo que lhe é dado como interpretação. Somente quando apropriado por e através do esquema cultural é que adquire uma significância histórica. Para ele o evento é a relação entre um acontecimento e a estrutura, ou ainda, o evento seria a interpretação do acontecimento, em um dado sistema simbólico.

¹⁵ Prática comum na sociedade onde diariamente várias pessoas fazem apostas em números que representam 24 bicos e que são sorteados 3 vezes ao dia.

chegando. Na calçada ele promove uma roda de dominó, na qual diversos homens, criadores ou não, se reúnem para jogar ou fazer suas apostas no jogo do bicho. A área é bastante ampla, com uma boa sombra de um pé de jambo na calçada sobre a qual todos ficam sentados. Constantemente ele trás água para nós, como também o quinto¹⁶ para nossa conferência. No período em que realizei a pesquisa, Corrêa trocou várias vezes os seus pássaros o que atraía sempre as pessoas para se atualizarem com qual ele estava disponível para comercializar.



Figura 10: A casa de Correia 1

¹⁶ Resultado das extrações lotéricas da AVAL (Associação dos Vendedores Autônomos de Loterias) do dia anterior.



Figura 11: A casa de Correia 2

O outro local onde acontece as freqüentes reuniões dos criadores de pássaros é no final da rua Dr. Moacir Sales, que é mais conhecida como rua do colégio. Ela recebeu esse nome devido ao fato de em sua esquina está localizada a Escola Estadual Lagoa Encantada (principal colégio da comunidade, onde eu cursei a antiga quarta série primária). No final desta rua o local se torna propício para os pássaros porque é um lugar calmo, sem trânsito de veículos e pouquíssima circulação de pessoas.

Lá existe, por obra da natureza, uma grande concentração de *Pendão*¹⁷ que atrai os pássaros em liberdade e forma uma atmosfera agradável com uma paisagem adequada para conversas e exposição dos pássaros (ver figuras 12 e 13). No local também existe uma parte aberta com duas mangueiras e vários troncos de “pés de coco”

¹⁷ Uma das comidas que serve de alimento para os pássaros em liberdade.

no chão. Neles os rapazes ficam sentados à sombra, conversando enquanto suas gaiolas com pássaros ficam penduradas em *paus de chama*¹⁸ dentro do mato.



Figura 12: Final da rua do colégio 1

¹⁸ Objetos confeccionados pelos próprios criadores que são plantados no solo e que consistem num cabo de vassoura com um pedaço de madeira formando uma cruz, onde é fixado um prego para que nele seja colocada a gaiola.



Figura 13: Final da rua do colégio 2

Durante os dias em que freqüentei a casa de Corrêa e o final da rua do colégio, presenciei vários *rolos* envolvendo troca e venda de pássaros, discussões sobre qual pássaro era melhor do que o outro e participei de algumas rodas de conversas nas quais várias histórias sobre a rotina dos passarinhos eram contadas. Nestes espaços também identifiquei os interlocutores que melhor me fornecessem as informações necessárias para uma compreensão do que acontece entre os homens da comunidade com os seus pássaros. Entretanto percebi que o recorte feito representava apenas um pequeno grupo da gama de homens que tem como prática a atividade de criação de pássaros na comunidade.

No final da rua do colégio eu fui menos vezes do que na casa de Corrêa, devido ao fato do local não oferecer tanta segurança para que eu pudesse permanecer realizando observações. Mesmo assim, colhi material suficiente para se fazer um

panorama de como funcionava aquele espaço de sociabilidade masculina. Lá eu me encontrei com vários homens que também estavam presentes com seus pássaros para conversarmos e nos socializarmos sobre as questões que dizem respeito a todo o universo do que é ser homem. Para se chegar até lá, passava por toda a rua e no seu fim entrava-se por uma espécie de viela que nos conduz a uma escadaria. Esta escadaria sulca o *mato* onde encontrei alguns dos meus interlocutores expondo suas gaiolas e sentados num tronco de coqueiro colocado num terreno baldio na altura do trigésimo degrau da escadaria, próximo a um poste de iluminação pública. Lá existem vários ganchos de metal que servem de suporte para que se coloquem gaiolas, no entanto não consegui obter a informação de quem os colocou lá. As idas dos passarinhos, tanto criadores de fato como os de direito, eram mais freqüentes logo cedo, entre 5 e 6 horas da manhã, porém presenciei em outros horários, por volta das 9 da manhã, outros homens freqüentando o local. O que pode denotar uma outra questão: segundo um morador da redondeza, alguns homens que freqüentam aquela região também com gaiolas, utilizam o território com outros propósitos; o consumo de drogas, a partilha de furtos e ainda como local de planejamento de ações criminosas. Motivo pelo qual minha inserção neste local não foi tão detalhada como na casa de Corrêa. Uma vez fui à noite observar o movimento e verifiquei que a lâmpada do poste de iluminação pública estava apagada e este fato seria mais um indício para constatar a hipótese levantada pelo morador (se é que existem de fato estas ações).

Descobrir como a atividade de criação de pássaros influencia no modo de agir daqueles homens e qual o sentido que essa prática tem para a demarcação de espaços enquanto valor da masculinidade seria um dos meus propósitos nestes dois espaços e, através da escolha destes interlocutores era que eu deveria me deter para chegar aos resultados deste trabalho.

Nos dias em que estive observando, fotografando e fazendo anotações dos assuntos que eram levantadas pelos interlocutores que estavam no momento, percebi que a presença deles ali não era exclusivamente para o exercício da atividade de criação de pássaros, mas sim para que houvesse uma interação mútua e que, sobretudo, comungassem de sentimentos de pertencimento a um mesmo grupo.

Surubim, Tuté e Magal eram os mais assíduos freqüentadores da casa de Corrêa, quase que diariamente eles estavam lá. Quando lhes perguntei sobre o motivo para tantas idas, foram análogos nas respostas. “...*é que aqui é onde acontece rolo, e isso a gente gosta de ver*”.

O pássaro que adquiri para viabilizar este trabalho acabou se tornando objeto de algumas discussões. *Zidane*, apesar de ser legalizado, não fazia parte do grupo dos pássaros habilitados para participarem dos torneios que eram realizados oficialmente, faltava uma melhor preparação. Segundo Hamilton: “O passarinho pra participar de um torneio rochedo, tem que ser bom, senão não guenta a pressão”.

Mas *Zidane* possuía qualidades que o fazia bem conceituado pelos criadores de fato. Logo após as primeiras idas à casa de Corrêa, fiquei conhecido pelos passarinheiros como um criador que possuía um pássaro de bom nível, e esse conhecimento me abriu as portas para que eu pudesse adentrar em outros espaços de criadores, sobretudo os de direito, e assim presenciar e estudar mais detalhadamente os torneios que aconteciam entre os pássaros.

Perguntei a Alex, que certa vez estava com um dos pássaros de Nino, Com que objetivo ele freqüentava tanto o *mato* com os pássaros dos rapazes e qual o sentido que ele enxergava nesta prática? E ele sorrindo me disse:

Rapaz! Eu acordo cedo e não tem nada pra fazer, ai eu pego à gaiola e venho para cá. É uma terapia. Boto o passarinho pra cantar e fico olhando. Desestressa e faz muito bem. Depois chega os meninos e aí a gente começa a conversar e a passar o tempo. Quando eu não tenho gaiola para andar eu fico doidinho, porque é como se estivesse faltando algo pra mim.

Refletindo sobre esse relato, vemos a existência talvez de um elemento motivador que faz com que, o hábito de criar pássaros ultrapasse as dimensões simbólicas expressas até então. Ele serve também como âncora de uma socialização estabelecida por pactos de convivência e comunhão de sentimentos num contexto específico. Este elemento motivador pode-se encontrar em rodas de conversa nas esquinas, jogos de dominó, nos bares ou ainda em qualquer outro espaço em que se estabeleça a convivência mútua dos homens.

A atividade não se restringia apenas a criação de pássaros pelos criadores de fato, mas também havia a existência de uma rotina seguida pelos criadores de direito. Rotina esta que ficou expressa pelo compromisso quase que semanal que Cadú e Nino mantinham em freqüentar as casas de outros criadores de direito em outras localidades.

Sabedor desta, certo dia fui à casa de Cadú com *Zidane* para fazer uma entrevista sobre onde e como se realizavam os torneios oficiais. Para surpresa minha e dele, o pássaro que era um dos que menos agradava a ele, teve um desempenho acima das nossas expectativas; cantarolou bastante a ponto de ficarmos impressionados com sua performance. Então ele sutilmente me perguntou: “Capitão, você não tem vontade de inscrever esse papa capim para participar de um torneio não”?

De imediato achei a idéia interessante, pois assim eu teria condições de participar de um evento que julgava importante para compreender o que os homens sentem no momento em que seus pássaros se confrontam. Então eu disse que havia

interesse, inclusive seria muito bom, pois assim eu teria condições de verificar se *Zidane* tem condições de vencer os pássaros dos criadores de direito ou não. Mas como eu iria participar de um torneio se eu não possuía registro na Associação dos Criadores e no Ibama?

Cadú então me disse que estava articulando com Nino um torneio para os *mutuqueiros*¹⁹ e que seria realizado na própria comunidade de Lagoa Encantada e seria bom se eu me inscrevesse. Naquele momento eu perguntei: Então, eu mesmo tendo um pássaro registrado em seu nome, posso me inscrever sem ter registro? E ele disse que sim. “Este torneio tem o objetivo que participem aqueles que têm bons papa capins, mas não possuem registro na Associação”. E essa é uma boa oportunidade de conhecer na prática como funciona todo o contexto que envolve esse evento, além da oportunidade de vivenciar a atmosfera existente no local.

¹⁹ Que segundo o dicionário Aurélio significa neófito em rinhas de galo, mas neste contexto significa aquele que não possui registro de criador de direito e que seus pássaros não possuem registro no Ibama.

CAPÍTULO III

3. “UM JOGO ABSORVENTE”

Após apresentado o contexto e os homens que foram meus interlocutores na pesquisa, bem como parte do circuito que se constitui como base dos pássaros, buscarei aprofundar as práticas e os sentidos atribuídos pelos criadores no tipo de competição que estabelecem via os pássaros.

De fato, pude perceber que os homens se dizem pelos pássaros. De outro modo, os sentidos do “ser homem” são apresentados através dos pássaros, na forma em que os próprios homens os fazem interagir, a depender de cenários específicos.

Acompanhei alguns destes cenários. No entanto, até então focalizei a interação e sociabilidade que surgem entre os homens porque possuem pássaros, como também os lugares que freqüentam para cuidar de seus animais, ou vão para se encontrarem, por eles acompanhados.

A partir deste capítulo aprofundarei os sentidos de um fenômeno existente na cultura dos homens que criam pássaros e, que diz respeito a um elemento bastante significativo na cristalização da identidade masculina e sua vivência enquanto prática. A ele eu chamei de *embates de masculinidade com transferência de significados*: os torneios de canto de pássaros. Estes torneios geralmente são realizados aos domingos pela manhã – dia e horário que melhor se ajusta à disponibilidade da maioria dos

participantes - e que congrega um considerável número de “passarinheiros²⁰”, tanto de fato como de direito, que se reúnem com pássaros de uma mesma espécie, conhecida localmente como papa capim. Os pássaros são postos para competir entre si subordinados a um regulamento específico e que para o pássaro vencedor, além da premiação com troféu e medalhas, também lhe é atribuído grande prestígio, porém, inferior ao que recebe seu proprietário.

Assim para discutir esses *embates de masculinidades*, trago neste capítulo uma descrição de como eles acontecem; seus locais, suas regras e também como passam a se tornar um palco de disputas políticas, sociais e econômicas entre homens de um dado grupo de criadores.

3.1 A Associação dos criadores e os torneios de canto de pássaros oficial

Conforme apurei em entrevistas feitas no local e matérias de jornais, a Associação Pernambucana dos Criadores de Pássaros foi fundada em 1980 e em 1998 construiu, com recursos angariados pelos participantes, sua sede em terreno cedido pelo Governo do Estado. Possui uma área adequada às necessidades dos torneios cada vez mais “fortes” por ela promovidos. Inicialmente começou-se com os de curió, pássaro nobre da fauna brasileira, depois se estendeu também para papa capim, que hoje ocupa tanto prestígio quanto o primeiro. Até então as provas tinham que ser realizadas em locais e espaços cedidos (como quadra de esportes) ou alugados de outras Associações (clubes).

²⁰ Substantivo normalmente utilizado para designar caçador, criador ou vendedor de pássaros. Utilizarei esta terminologia a partir de agora para melhor se adaptar as várias funções que os criadores exercem no contexto da atividade de pássaros.

Ainda hoje, a Associação lança mão desse expediente quando há necessidade, quando acontecem ao mesmo tempo torneios de curió e papa capim; ou seja, enquanto na sede localizada no Parque de Exposições do Cordeiro sediava o torneio de canto de curió, outros espaços, localizado nas redondezas, abrigava as disputas de canto de papa capim.

Um dos meus interlocutores (Cadú) que tive oportunidade de entrevistar mais tranqüilamente, nas vezes em que fui em sua residência e fora do ambiente tumultuado e às vezes tenso dos torneios, explicou-me que quem participa desses torneios são normalmente os associados da sociedade (ou Associação). “De vez em quando aparecem uns colegas nossos de outros estados que também vem participar do torneio”. Atualmente, a sociedade – como eles também a chamam - que começou com cerca 20 criadores de papa capim, conta com mais de 100 sócios. Ainda segundo ele, eventualmente ocorrem torneios nacionais. Neste caso, um grupo de Associações se organiza com esse objetivo: “Eu nunca participei de nenhum, mas conheço gente que já foi até na Bahia”.

Vale destacar que minha descrição se focará não nos torneios oficiais, mas nos torneios organizados para os mutuqueiros pelos homens da comunidade de Lagoa Encantada.

3.2 O início dos embates: antes do torneio

Após ser informado por Cadú da realização do torneio, convidei Alex para me ajudar na preparação de *Zidane* para a competição. Diariamente durante duas semanas fomos caminhar logo cedo por um lugar conhecido como Betel, que fica a uns 20 km de distância da comunidade e que, segundo ele, é o local mais adequado na região para

colocar os pássaros em ponto de disputa. Por este motivo Alex não foi nenhum destes dias à casa de Cadú para caminhar com seus pássaros, o que gerou uma situação nova para mim na comunidade, mas importante para que eu adquirisse respeito e confiança pelo grupo – e que entendesse melhor os embates entre os homens.

No sábado, dia 18 de março de 2006, para ser exato, eu cheguei trazendo comigo *Zidane*, a uma roda de dominó que estava sendo realizada em frente à casa de Corrêa, onde já havia mais 13 pessoas: 4 jogando e 9 aguardando sua vez. Quando Mosca se aproximou de mim e disse: ”Capitão, um papa capim de Nino fugiu, e ele está ali – apontando com o braço direito para o fim da rua – tentando pegar”. E eu perguntei: Qual foi o papa capim? E ele respondeu: “É um novato que ele comprou para inscrever no torneio dos mutuqueiros. Disseram que ele pagou duzentos reais”.

Eu me virei para a roda de dominó e continuei a observar o jogo e os colegas que estavam lá. Olho para trás e vejo Nino descendo a rua com mais 3 rapazes. No entanto, como o “sol já estava quente” - já passava das 9 horas - no mesmo momento, fui retirar “minha gaiola”, que estava pendurada num dos postes da rua. Ouvi então, um grito, oriundo do grupo que descia a rua. Dizia: “Fica”. Era Magal, pedindo para que eu deixasse “minha gaiola” no mesmo local para que houvesse um confronto do meu pássaro, já com alguma fama na comunidade, com o famoso *Burity*, pássaro campeão de Nino, que o mesmo trazia em sua mão. Ao sentir a presença de *Zidane* por perto, *Burity* de imediato começou a desferir uma seqüência de cantos frenéticos, como se já estivesse de fato numa competição. Quando eu pus a mão na gaiola, meu pássaro respondeu ao dele na mesma intensidade. Sem reflexão, decidi manter *Zidane* onde estava e, ironicamente, respondi: “Fiquei”. Estava eu me comportando como um deles, atendendo a um embate.

Naquele momento percebi um olhar desaprovador de Nino, e, se aproximando de mim, com os braços abertos questionou: “Capitão, eu já fui na tua porta falar mal de tu? Eu já lhe dei algum cabimento pra falar de mim por aí? Qual é a tua, hem?” E ainda continuou dizendo: “Tu vai na porta de Cadú, falar mal de mim e de Hamilton. Ele nem criando tá agora, e falar coisa dos passarinhos da gente. O que é que tu quer? O que tu quiser eu quero”. Fazendo gestos com os punhos cerrados.

Os homens que estavam jogando e os que estavam ao redor correram em nossa direção tentando acalmá-lo. Diziam eles: “Calma Nino, isso deve ser agitação de Cadú, tu não sabe como ele é? Tás vendo que Capitão não ia falar isso!”.

Foi quando ele, em aparente sensação de arrependimento e com a voz em tom mais baixo, concluiu: “Tá bom. Vou colocar você e ele frente a frente para ver quem é que tá falando a verdade. Vem pra cá pra gente conversar”, me chamando para um canto reservado.

Consciente da situação de embate ali estabelecida, em voz alta, eu disse: “Venha pra cá nada. Você grita, diz o que quer na frente de todo mundo e agora quer se desculpar no cantinho. Vamos resolver tudo aqui mesmo”. Afirmei veementemente e olhando em seus olhos: “Você me conhece há muito tempo, sabe quem eu sou e de minha história no bairro. Não pode chegar e me agredir na frente dos meninos sem ouvir minha versão. O que você fez foi errado e da próxima vez, você deve ouvir as duas partes primeiro, antes de chegar agredindo a quem não merece”. Concluí.

Esta atitude de enfrentamento foi, a meu ver, fundamental para que as pessoas que estavam ali presentes pudessem me comparar a um deles, enfrentando um ícone da comunidade como é Nino. Interessante é que o embate em vias de acontecer entre *Zidane* e *Burity* fora momentaneamente esquecido e se tornou mero constituinte de um embate de homens, em que a afirmação da masculinidade – nos seus atributos de poder,

prestígio e força - passou a ser posta á prova em disputa com confronto entre os homens. De outro modo, nos torneios de pássaros, existe a característica de pássaros e homens serem pensados enquanto sujeitos competidores, ou seja, os homens dentro de um mesmo modelo competem entre si para verificar qual o pássaro que o representava melhor.

Após o fato, começaram os comentários e avaliações pelos que assistiram à disputa. Ora falavam sobre os pássaros, ora sobre nossa discussão, mas o que de fato pude absorver do momento, foi o surgimento de uma espécie de confronto permanente; a partir daquele dia, eu e Nino não seríamos mais os mesmos ao nos encontrarmos, seríamos rivais, assim como *Burity* e *Zidane*.

3.3 O antropólogo na competição

Nos dias que antecederam o torneio, era evidente o nosso envolvimento com nossos pássaros, até que Magal me anunciou o evento que, de certa forma, justificaria a intensidade daquela ansiedade. No domingo, 09 de abril, data marcada para o torneio organizado por Cadú e Nino, seria o momento de reencontro meu com eles após os acontecimentos do dia 18 de março. Magal, Alex e Corrêa vieram à minha casa na sexta feira para me pedir que eu relevasse o fato acontecido e que esse tipo de “agitação” faz parte desse universo de competitividade.

No sábado, eu fui ao Betel pela última vez com *Zidane* para deixá-lo pronto para a competição do dia seguinte. Lá encontrei Hamilton, ele vinha trazendo um papa capim de um amigo para ser preparado para a mesma competição que eu iria participar. Perguntei se ele ficara sabendo do que aconteceu entre mim e Nino. Ele disse que sim, mas que eu não me preocupasse que eles são assim mesmo: “O que mais esses caras

gostam de arrumar é bronca. Acho que os passarinhos é só uma desculpa. O que eles querem mesmo é brigar uns com os outros, amanhã eles nem vão tocar no assunto. Você vai ver”!

E assim continuamos conversando sobre outras questões relativas a trabalho, família e da vida em geral, não dando mais nenhuma ênfase ao fato citado acima e nem sobre a competição que iria se realizar no dia seguinte.

No domingo, acordei por volta das 5 da manhã e me preparei para a ida ao local do evento. Assim que saí de minha casa, já era possível perceber uma movimentação diferente; havia um trânsito grande de pessoas nas ruas da comunidade se dirigindo para a praça onde seria realizada a competição. Alguns homens transportavam gaiolas com seus papa capins para vários lugares diferentes – O fato de haver naquele domingo um torneio de pássaros na comunidade fazia com que houvesse uma movimentação maior do que nos outros dias – alguns os posicionavam em árvores e postes que compõem os arredores da praça onde seria realizado o torneio, outros nas casas próximas etc. Naquele momento entendi que essa movimentação de gaiolas é um processo importante na preparação, tanto do pássaro competidor, como para ser criada a atmosfera adequada para tal.

Ter a verdadeira impressão que esta seria, também, uma estratégia para que se rompa a situação de pássaro cativo em sua condição de repouso, procurando reproduzir situações em que uma certa vida selvagem, fora do cativeiro, proporcionaria ao animal.

Como parte do processo de preparação para a competição, Cadú e Nino faziam diversas viagens nos seus automóveis entre suas residências e a praça, trazendo os utensílios que seriam utilizados na disputa. Eram formulários para anotação dos resultados, fichas de inscrição para os pássaros, pedestais para serem penduradas as

gaiolas, corda para isolar o espaço do torneio, enxadas para aparar o capim existente no local e algumas gaiolas de pássaros de amigos que eles encontravam pelo caminho.

No decorrer do caminho encontrei com Magal que, assim como eu, havia acordado cedo para levar seu pássaro até o lugar da competição. Sugeriu que eu ficasse atento ao local onde deveria colocar a gaiola de *Zidane*. Era comum os criadores colocarem suas gaiolas, com seus pássaros melhor preparados, próximos daqueles inexperientes (como o meu e o dele). Assim, segundo Magal, levariam mais vantagem na hora do embate.

Magal estava verdadeiramente contrariado com o fato de ter que colocar seu pássaro para disputar nestas condições. Também achei curioso que ele aceitasse participar da disputa assim mesmo, mas logo percebi que mesmo neste contexto de aparente desvantagem de seu pássaro, ele credita uma grande importância ao evento.

Na hora do encontro com os demais homens que já estavam presentes na praça, (creio que uma hora depois) chega Alex, se aproxima de mim e quando percebe que estou de chapéu, pede que eu retire, já que não é permitido no local da competição. Segundo ele, o chapéu e, em alguns casos, até mesmo os óculos, podem assustar o pássaro e prejudicar o seu desempenho na competição.

Realmente era um dia diferente em Lagoa Encantada, além do já citado número de automóveis estacionados em um descampado que fica ao lado da praça ser grande, o evento atraía muitas pessoas de fora.

O local escolhido, além de apresentar as condições ideais para a realização de um torneio de pássaros, também se justificava enquanto homenagem a um antigo criador da comunidade com cerca de 70 anos de idade, Seu Manoel.

Sua residência fica localizada numa praça a cerca de uns 200 m de onde ficava a antiga Lagoa que deu origem ao nome do bairro Lagoa Encantada e próxima à quadra

onde aconteciam ensaios de uma famosa quadrilha junina já extinta. É um lugar com algumas casas nas redondezas, mas com uma ocupação esparsa. À frente da casa de Seu Manoel tem algumas árvores que promovem uma grande sombra que serviria de cenário para a disputa. A praça é aberta e possui 4 entradas em seus lados, sendo que uma delas dá acesso a Av. Dr. Benigno Jordão de Vasconcelos . A praça é ampla, deve ter de 80 a 100 m² e umas 15 árvores em sua volta (ver figuras 14 e 15).



Figura 14: Cenário da competição



Figura 15: Cenário da competição

Quando chegamos, havia cerca de 50 homens no local, todos dispostos nas calçadas, bancos improvisados, tocos ou tijolos que serviam de assento. Eles conversavam, riam e brincavam regados à água, que constantemente era trazida por Seu Manoel. Após a chegada de Nino e Cadú começou a ser servido um café da manhã com pão e presunto, bolo e refrigerante que fazia parte dos direitos daqueles que fizeram a inscrição no evento, que custou o “valor simbólico” de R\$ 5,00. Recurso que foi utilizado para custear as despesas com a premiação do evento. Havia um clima de maior descontração e o pessoal estava disposto ao redor do círculo que fazia as gaiolas espalhadas pelos postes e árvores da praça (ver figura 16).



Figura 16: Círculo dos homens assistindo a competição

Fui logo sendo cumprimentado pelas pessoas que estavam no local. Eu estava junto com Magal, mas a ninguém fui apresentado por ele. Parece que a coisa é do tipo “vai chegando”. Evidentemente, os outros homens estavam “me sacando”. Logo perceberam que eu era novo por ali, ou, quem sabe, um sujeito um pouco diferente dos que normalmente freqüentavam o lugar; talvez devido ao fato de eu nunca haver participado de outro torneio antes. Além do mais, eu estava especialmente, de óculos e chapéu (apetrechos condenáveis pelos que desta prática comungam e que logo percebi que haviam outros que assim como eu, usavam também). O fato é que a impressão que tive é que ali todos se conheciam como freqüentadores regulares das competições e eu apenas (re) conhecia nove homens que freqüentavam a casa de Correia e o final da rua do colégio.

Deixei Magal de lado para ele cumprimentar seus amigos e fiquei junto a Cinho, que eu havia conhecido dias antes. Seu pássaro era muito cotado para vencer o torneio, motivo pelo qual me aproximei do mesmo.

Cinho é um rapaz bem simpático e atencioso, com quem compartilhei um copo de refrigerante e um pedaço de bolo. Ali comecei a perceber que, enquanto conversavam descontraidamente, não deixava de observar o desempenho dos pássaros. Procurava perceber quem era quem na roda e a quem pertencia cada pássaro. Curiosamente as gaiolas dos participantes da competição, todas colocadas sobre um pedestal (construído com uma base feita de madeira formando um suporte de fixação no chão, de onde sai um pau onde está pregado o prego que sustenta a gaiola, ver figura 17), não indicavam o nome dos pássaros. Somente um estava com o nome. Era o “Grilo”, um papa capim vindo da UR 2 e que levava este nome por ter passado um dia inteiro tendo um grilo como companheiro em sua gaiola. Os outros eram conhecidos através do nome de seu dono ou por um nome o atribuído na hora. Os pássaros mais famosos já eram facilmente identificados pelos presentes, mas que, para mim, um neófito na competição, era difícil perceber.



Figura 17: Pedestais para as gaiolas

Circulando pela praça, percebi que Surubim, Nino e Magal procuravam saber das pessoas o desempenho de seu pássaro e dos outros, para identificar os possíveis concorrentes. Enquanto isso Cadú, Alex e Hamilton ficavam rodeados de pessoas fazendo as inscrições de última hora: 18 num total, incluindo *Zidane*.

Por volta das 7 horas e 40 minutos da manhã houve o início da disputa, este é um momento interessante da competição. As gaiolas ficam dispostas num círculo, mas neste momento não estão sendo contados pontos. É o momento do aquecimento, quando os passarinhos, colocados lado a lado, entram em disputa uns com os outros, ameaçando briga, se movimentando na gaiola, cantando frequentemente (ver figura 18). Eles ficam muito excitados durante o “aquecimento”, alguns pássaros se inibem, não cantam, se sentem constrangidos pelos outros. Neste caso, o proprietário retira o pássaro antes mesmo do período classificatório (ver figura 19).



Figura 18: Homens assistindo o aquecimento



Figura 19: Retirada das gaiolas depois do aquecimento

É interessante que quando o proprietário entra no círculo para pegar à gaiola, rola a maior gozação do lado de fora. Uns oferecem “R\$ 1,99” pelo pássaro, outros comentam que o bicho está com o “bico pra baixo e o cu pra cima”²¹. Devida a forte relação de identificação do proprietário com seu animal, a gozação também atinge o primeiro. O sujeito sai com “um sorriso amarelo”, mas agüenta bem a brincadeira, já que mais tarde ele terá oportunidade de fazê-la com outro. Dos 18 pássaros que começaram o círculo, 6 saíram nestas condições, inclusive *Zidane!*

Os pássaros que permanecem irão participar da classificatória. Esta etapa consiste na exigência de que o pássaro dê, no mínimo, cinco cantos durante cinco minutos. Neste momento, a descontração das pessoas que cercam o círculo transforma-se em silêncio, ou quase silêncio, para que nada atrapalhe o desempenho dos pássaros (ver figuras 20 e 21).

²¹ Expressão comumente utilizada pelos homens criadores para denotar que um pássaro não está mais apto para permanecer na competição



Figura 20: Homens assistindo a classificatória



Figura 21: Homens assistindo a classificatória

Pode ocorrer que um pássaro tenha um desempenho razoável durante o “aquecimento”, mas que no período da classificatória não tenha a mesma sorte. Neste momento, os organizadores do evento (especialmente Nino e Cadú) escolhem entre os presentes àqueles que servirão de fiscais do desempenho dos competidores. São fornecidas uma prancheta com papel e uma caneta para cada um, onde há um fiscal para cada pássaro. Dos 18 competidores, 6 haviam já saído no “aquecimento” e, para a final, só restaram 4 pássaros.

Os classificados ficaram muito contentes, até porque havia 1 troféu e 4 medalhas (ver figura 22), ou seja, nenhum ficaria sem premiação. No momento da definição dos finalistas, aqueles que conseguiram alcançar a condição com seus pássaros ficam nervosos, especulando sobre as possibilidades de seu animal na competição, discutindo com os outros sobre as vantagens e desvantagens de um e outro animal.

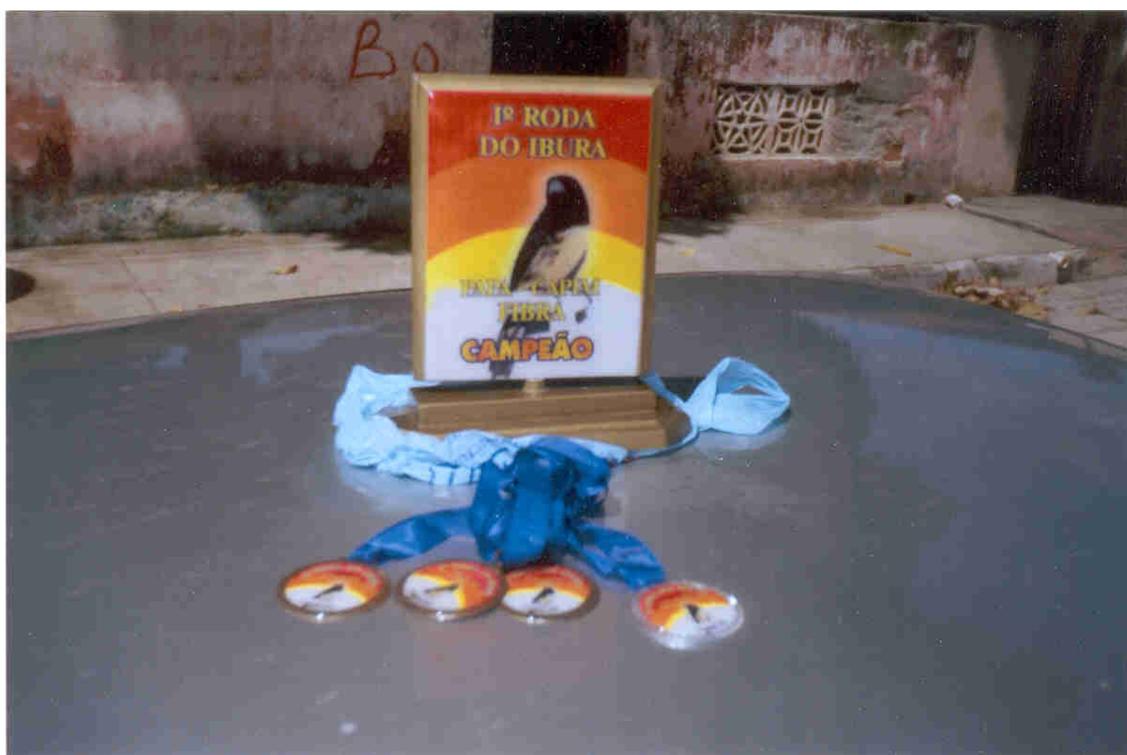


Figura 22: Troféu e medalhas

Os desclassificados ficam discutindo sobre os problemas que levaram seu animal a não produzir o esperado: “falta um outro brigador do lado do meu, o que estava do lado era muito parado e o do outro lado, o dono retirou antes da classificatória”, dizia um conhecido de Surubim.

Confirmado o seu pássaro para a final, Cinho ficou muito inquieto. Conversava com muita gente e comentava sobre as qualidades de seu “bichinho”. Neste momento, eu já estava mais integrado no local, recebi dele um exemplar do jornal do dia, ofertas de pão, de vinho que outros competidores haviam comprado (ver figura 23).



Figura 23: O antropólogo na competição

“Biziu”, um sobrinho de Seu Manoel que mora na casa vizinha me ofereceu uma latinha de cerveja: “é melhor que vinho”, disse ele. Outros conversavam sobre problemas locais, por exemplo, o fato do Ibama que está combatendo a criação de

pássaros sem registro no bairro e como fazer para que esse tipo de “torneio informal” não seja alvo dessas apreensões.

Para a final, são escolhidos os fiscais para cuidar das gaiolas. Eles ficam sentados atrás de cada gaiola no círculo. Agora estes fiscais deverão ter o maior cuidado e atenção na marcação (ver figura 24 e 25).



Figura 24: Disputa final



Figura 25: Disputa final

Neste momento, o silêncio toma conta do local e quinze minutos começam a serem contados e o pássaro que proferir mais cantos neste tempo é o vencedor do torneio.

Cinho fica agitado e murmura com seu pássaro, os outros protestam, existe muita atenção dos proprietários nos seus pássaros. “Biziu” oferece uma “latinha” para Hamilton, o fiscal que cuidava de “*Melodia*”, o papa capim de Cinho que era o favorito para ganhar a disputa. Este protesta: “Hamilton, não vá perder cantos”. E a coisa vai até que ele, cujo dono havia pago R\$ 400,00 por sua aquisição, vence com 98 cantos (ver figura 25). O pássaro de Biziu fica em segundo com 86 cantos. Ele fica muito feliz e oferece cerveja para Alex, o fiscal de seu pássaro. O vencedor é muito cumprimentado e, juntamente com Biziu, oferece uma rodada de cerveja para o pessoal todo. Assim como Cinho, dono do pássaro vencedor.

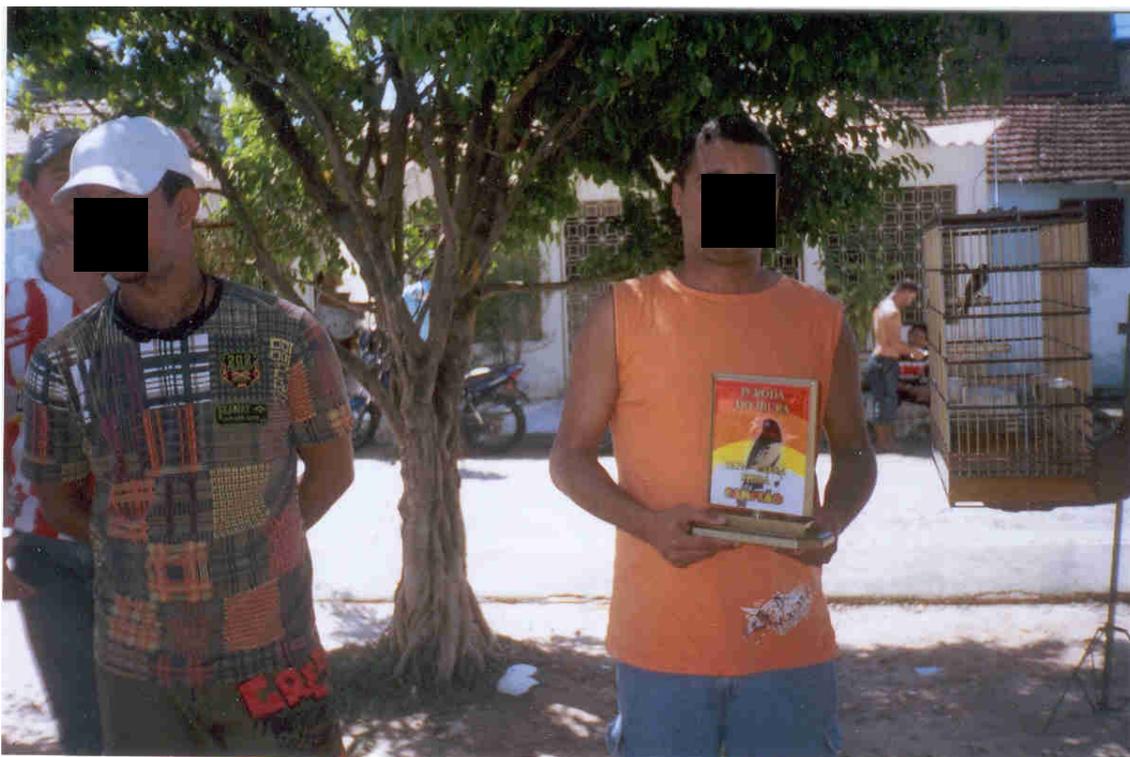


Figura 26: O grande vencedor

Foi possível perceber entre os participantes do evento alguns com “mais posses”, vindos de outros bairros, alguns distantes, como Brejo, Jardim Paulista e Casa Amarela que se juntaram a nós num momento de sociabilidade mútua que coloca a Lagoa Encantada dentre os bairros onde os torneios são considerados como de boa qualidade. Se Bali para Geertz (1989), se revela nas rinhas de galo, algo de Lagoa Encantada se revela nos torneios de canto papa capins – disputas simbólicas, políticas e diferenças sociais.

Nos momentos de confraternização final, aproximou-se de mim um senhor de boné branco, que já havia chamado minha atenção antes. Aparentava ter mais de 30 anos, com a pele bronzeada e um uma camisa colorida. A princípio ele veio comentar o desempenho do pássaro vencedor que na primeira competição já havia tirado o segundo lugar. Cinho comentou comigo que ele era o melhor preparador de pássaros que

conhecia, e, se eu necessitasse, ele poderia trabalhar na preparação do meu, já que o resultado não havia sido satisfatório. Segundo sua análise, *Zidane* necessitaria de um melhor aprimoramento para ter alguma chance nas competições.

Para este fulano os papa capins vinham antes da própria esposa. Contou que ele levava os pássaros até para o trabalho (alguém depois me falou que ele era pedreiro). O rapaz me disse que não tinha trazido nenhum pássaro porque os seus ele havia perdido. Disse que, na verdade, possuía alguns em casa, mas não tão bons como os que haviam perdido. De repente, ele começa a narrar à forma como perdeu seus pássaros: na verdade tinham sido entregues a um desconhecido por sua esposa.

Num dos dias em que ele foi trabalhar, um sujeito se dirigiu à sua residência e disse que ele estava negociando com este sujeito seus pássaros, e pediu que ela enviasse pelo desconhecido 3 dos melhores papa capins que haviam em sua residência. Prontamente sua esposa atendeu ao pedido do homem e entregou os pássaros por ele solicitado e sem fazer nenhum questionamento. Quando ele chegou em casa, à noite, do trabalho, perguntou pelas gaiolas que não se encontravam em seus lugares. E ela contou o fato acontecido e então ele disse que não havia mandado ninguém buscar seus pássaros e que ela havia sido vítima de um furto. Dessa forma foi como perdeu 3 dos seus melhores pássaros.

No encerramento do evento, além da comercialização dos pássaros, trocas e outras transações, houve um discurso emocionado do vencedor dizendo que “... o que valia a pena não eram os pássaros nem os troféus, mas o convívio com vocês meus amigos, a amizade que tem entre nós”.

CAPÍTULO IV

4. DOS HOMENS AOS PÁSSAROS, DOS PÁSSAROS AOS HOMENS: a dimensão agonística do “Papa Capim”

Demorei muito para entender os aspectos de valentia/covardia que eram simbolizados na melodia do canto dos pássaros nas relações entre os papa capins. Não conseguia captar a dimensão agonística do torneio, muito menos as categorias nativas que designavam a derrota.

O “perigo” da prova, segundo os interlocutores indicava, é que se o pássaro não tiver fibra, ele corre ou pia. Foram os embates referidos anteriormente que me deram elementos para explicar essas categorias e situações que as mesmas designam. Especialmente durante o confronto que houve entre mim e Nino.

Graças às minhas insistentes perguntas “burras” e meus foras esforçando-me em me fazer entender, por meio de exemplos, as explicações vagas ou insuficientes que outros me davam, foi ainda que durante uma prova, diante da presença de Alex, perguntei por que o seu pássaro não estava cantando. Ele respondeu: “Tá cantando, mas tá piando, acho que é muita fêmea. É que alguns precisam de mais fêmea; mas aí é ruim para o torneio. Porque se acostuma a estar com a fêmea em cima e fica chamando ela, fica piando”.

Há um controle por parte dos passarinhos, mas principalmente da própria organização do torneio sobre esse aspecto do comportamento dos pássaros

competidores. Se o pássaro pia, deve ser retirado da roda: “Tem que tirar antes que ele pie”. “Senão ele desasa, fica corrido”.

Mosca, de forma muito expressiva me deu explicações sobre as categorias correr e desasar: “Ele corre do canto do outro. Corre e grita: chi chi chi, muda mesmo, que não sabe onde enfia a cabeça” (imitando com o próprio corpo o papa capim corrido). Eu perguntei se fisicamente, ele fica assim? “Chi chi chi, grita mesmo de medo ... sem o outro pegar... só no canto do outro. Olha Capitão, o papa capim valente é lutador”. Explicou-me então porque o papa capim que pia deve ser retirado da roda: “o papa capim de fibra, ele canta e luta. Ele humilha o outro. Quando o papa capim pia, ele pia como fêmea. O do lado - da gaiola ao lado – ganjeia²². Aí o outro trava, porque ele esfria mesmo” conclui.

Traduzindo: o papa capim que pia na roda é um papa capim que foi vencido, humilhado pelo habitante da gaiola vizinha, cuja fibra, valentia, ou seja, masculinidade submete a do outro e a subverte em feminilidade. O papa capim que pia, pia como fêmea. Uma vez feminizado, se não for retirado da roda, passa a ser “ganjeado” pelo seu vizinho (que está aquecido - pleno de fibra e masculinidade). Não só ele pára de cantar e, portanto de competir, como pára de estimular um terceiro papa capim que está na gaiola do lado oposto ao que estava o que “piou”.

O papa capim que fica ao lado do que piou, isto é, daquele que foi feminizado, fica travado, isto é, não canta mais, porque não precisa mais intimidar o macho que invade seu território. Precisa isto sim (se é agora uma fêmea que tem ao seu lado),

²² O verbo ganjeiar é êmico, ou seja, diz-se de categorias e valores internos, próprios às sociedades ou grupos em estudo e tomados segundo a lógica e coerência com que aí se apresentam. Uma espécie de termo técnico que designa a corte, uma exibição feita pelo macho à fêmea. Acredito que seja uma derivação do substantivo ganja (no Dicionário Aurélio: vaidade, presunção) assim como o adjetivo ganjento (vaidoso, presumido, engangento).

ganjejar a fêmea, isto é, dar início ao ritual de acasalamento, se configurando como um Don Juan²³. O papa capim derrotado – feito fêmea – precisa se retirado da roda.

O caráter agonístico dos torneios de pássaros que cantam harmoniosamente, como é o caso dos papa capins, é representado muito claramente nas expressões usadas pelos interlocutores ao decreverem a “disputas” – tanto na mata como nos torneios. Nino mesmo analisou os embates da seguinte forma: “Ele disputa com o outro no canto, enquanto o outro tenta massacrar ele também no canto”. Ou: “Provar que é melhor que o outro, ele tenta defender seu espaço, enquanto o outro tenta tomá-lo. Aí eles vão para a briga”. E ainda: “e se o outro vai querer enfrentar, ele parte prá briga também”. Nessa briga – que não inclui o contato físico, mas apenas o canto –, um adversário não só massacra o outro, intimidando-o (vai para o fundo da gaiola), o que se verifica no seu físico (ele “desasa, brocha”), como ainda lhe tira a masculinidade, transforma-o em fêmea a ponto de passar a ganjeá-lo.

4.1 Sobre os nomes dos pássaros

Por maior que seja a identificação do dono com o pássaro, e por mais que, em certas falas sobre os pássaros os proprietários os tratem de modo que pareçam humanizados, inclusive conversando com eles, os pássaros não têm nomes humanos; ou melhor, alguns nomes até são humanos, mas, nesse caso, são usados por evocarem não humanidade, mas alguma qualidade que importa nos torneios.

Alguns nomes contemplam características físicas, morais ou de temperamento.

O nome pode indicar a função do pássaro, como é o caso do *Professor*, papa capim

²³ É digno de nota que a figura de Don Juan também aparece no texto de Geertz, quando o autor procura demonstrar como a imagem do galo está associada a masculinidade: “Sabung, a palavra correspondente a galo (...) é usada de forma metafísica com o significado de ‘herói’, ‘guerreiro’, ‘campeão’, ‘homem de valor’, ‘candidato político’, ‘solteiro’, ‘Don Juan’ ou ‘cara durão’

utilizado por um criador para ensinar o canto aos demais. Outros nomes evocam a relação com o dono – as expectativas e os sentimentos envolvidos nessa relação (*Desafio*, *Carcará* e *Grilo*, por exemplo). Outros nomes ressaltam o pendor para a liderança (*Dominante e Matador*), para o sucesso (*Picasso* – o pintor -, *Zidane*), ou mais particularmente o sucesso na música (*Roberto Carlos*).

A paixão do dono por certo time de futebol também orienta a escolha de nomes (que não deixam de implicar qualidades como garra, capacidade de enfrentamento e pendor para a vitória): *Leão da Ilha* (como é conhecido o Sport Clube do Recife), *Timbuzão* (mascote que representa o Clube Náutico Capibaribe) ou ainda *Inferno Coral* (nome de uma torcida do Santa Cruz Futebol Clube).

Trovão, *Ventania*, são nomes que dizem respeito a fenômenos naturais que amedrontam, podem ser avassaladores, evoca força, poder – qualidades importantes numa prova de fibra e valentia. As mesmas qualidades parecem estar evocadas em nomes como *Pitbull* e *Redbull* (marca de bebida energética cujo logotipo apresenta dois touros vermelhos se enfrentando).

Em geral, são os donos dos pássaros que os nominam e, em geral, são homens. Mas Tuté me indica que, às vezes, os nomes podem ser escolhidos pela esposa do passarinho (e possivelmente filhos): foi a dele quem escolheu o nome *Medalhão* para o seu papa capim, explicando-me que é um nome relacionado a ele, pois desde criança Tuté usa uma grande medalha presa em um cordão de prata. Vale lembrar as considerações de Lévis Strauss (1997) a respeito do nome como sistema de classificação. Ao nominar, mais do que classificar o nominado, o nominador classifica-se a si mesmo. O ato de nominar pode ser assim entendido como um ato de inteligência, uma manifestação de inteligência, sutileza, humor, ironia, conhecimento. Os nomes dos pássaros repercutem sobre a identidade do dono – senão pela suposta qualidade do

pássaro destacada pelo nome – freqüentemente reforçando atributos morais entendidos como masculinos -, ao menos pelo aspecto evocado por Lévi-Strauss: a inteligência do dono ao encontrar um nome original e adequado.

Em geral, o gosto pelos pássaros cantadores é despertado na infância. Alguns homens, como Magal, nascido e criado na comunidade, e que segundo ele tem a “doença” do papa capim. Desde pequeno “aprendida” com o pai, também passarinho, porém sendo o único dos filhos a herdar o gosto do pai (nenhum de seus irmãos se interessa pelo assunto). Esse talvez seja o caminho mais tradicional para a adesão à prática. Surubim, vindo para a Lagoa Encantada ainda bebê, também é passarinho de longa data: “desde criança, 7 ou 8 anos, eu crio pássaros em gaiola”. Para Alex, que se revelou como um passarinho fervoroso, eu perguntei de onde vinha esse interesse, se aprendera com o pai, assim como Magal. Ele disse que foi com um amigo de infância que era um aficionado.

Alguns homens, ao falarem sobre a origem de seu interesse pela atividade, fazem menção aos efeitos terapêuticos dos pássaros (relativos às doenças respiratórias, especialmente bronquite), como é o caso de Mosca, que adquiriu o primeiro papa capim para curar a bronquite da filha. Ele me afirmou que “é uma simpatia, pode até não ter sido passada por um médico, mas funcionou no caso de minha menina”.

Outro ponto importante observado durante a investigação, é que, se um homem é “passarinho”, há uma profunda identificação psicológica entre ele e seu pássaro. Assim como as glórias do passarinho cobrem seu dono de alegria, o mesmo acontece com o fracasso. No primeiro torneio que assisti, vendo, em certo momento, a roda desfalcada, isto é, faltando gaiolas que ali estavam inicialmente, perguntei a um grupo de homens que estavam sentados próximos a ela o que aquilo significava o que havia acontecido com aqueles participantes. Eles me explicaram, divertidos: “Correram! Não

sei se é os donos ou o passarinho quem correu. É que o passarinho corre e o dono fica com vergonha”.

Quando o pássaro é campeão, seu dono também o é. Se o pássaro demonstra que tem fibra, isso repercute na própria imagem e identidade de seu dono. Nos torneios de pássaros, ao menos em certos momentos cruciais, a identidade entre o proprietário e o pássaro chega a ser incorporada pelo primeiro – parece inscrita, ou dramatizada, no próprio corpo do homem, nas atitudes corporais. Quando o pássaro “pia”, o dono – cabisbaixo e ombros caídos - retira a gaiola quase a escondendo com o corpo, carregando-a perto do chão – “Sai com ela no dedinho assim pendurado... sai prá ninguém ver!”, como me disse um entrevistado, imitando o gesto de quem estaria carregando uma gaiola pendurada no dedo.

Quando o pássaro se sai bem, o dono o retira levando a gaiola, freqüentemente acima da cabeça, com a postura altiva, o peito inflado como que ciente de sua própria “fibra”. Quando o pássaro é vencedor, o próprio homem o é. Assim como me disse Nino comentando o orgulho que sente tendo um campeão: “É o ego da pessoa: enche o ego!”.

Durante os torneios, e nas falas a respeito dos papa capins, observei uma constante comparação entre o pássaro e seu dono de forma a promover uma assimilação das qualidades de um pelo outro. É sintomático que a premiação seja dada para o dono e para o passarinho – ambos são nomeados no momento em que é dado o troféu. Até esse momento, o competidor sabe quantos cantos seu papa capim deu em cada rodada, mas não sabe o dos outros competidores. É só no momento da premiação que é revelada colocação de cada competidor. Os 4 primeiros lugares recebem medalhas e o vencedor da competição além da medalha recebeu o troféu. A colocação dos mesmos é revelada à medida que são chamados pela ordem inversa, isto é, do quarto ao primeiro lugar. Os

organizadores do evento anunciam cada premiado, fazendo, antes, uma apresentação do mesmo – falando às vezes do passarinho (“é um passarinho novo” ou “é defeituoso, tem nome de craque de futebol”), às vezes do dono (“é alguém muito querido”, “é um novato”). Outras vezes, a entrega da premiação enseja uma comparação aberta entre o pássaro e seu dono: “É muito canto! Esse pássaro! É muito bom! E o proprietário do pássaro é melhor ainda”.

Os homens falam comumente com seus pássaros. Assisti uma vez, ao terminar a última marcação, um homem retirar da roda a sua gaiola orgulhoso, olhando e falando embevecido com o seu papa capim. Depositou-a sobre um dos bancos da praça, num espaço vago entre mim (um grupo de amigos seus que já estavam conversando animadamente compartilhando uma garrafa de cerveja). Escutei-o dizer ao passarinho: “valeu compadre! Obrigado por hoje!”.

Um menino de uns 15 anos de idade e que estava assistindo a competição me contou de um passarinho que o seu pai teve “que era ótimo” e que foi campeão em dois torneios consecutivos. Por problemas financeiros seu pai precisou fazer negócio com um outro rapaz que o queria porque sabia que o passarinho era bom. Aí o passarinho foi campeão de novo. O menino me disse que ele tinha uma foto de torneio que ele ganhou - imitou o gesto do pai segurando com as duas mãos uma foto imaginária – “Esse me deu alegria”. Ele me contou também: “Ontem ele sentou na frente do passarinho que ia trazer para o torneio e ficou assim ó (sentado, com as mãos apoiando o queixo, olhando para a gaiola): amanhã tu vais me dar uma alegria, né?” No domingo, no início do embate, esse passarinho não estava se saindo muito bem e saiu no aquecimento. E o menino dizia então: “Hoje ele já chega em casa chutando a gaiola. Já chega xingando!”. A esse respeito, torna-se muito sugestivo uma espécie de ato falho cometido pelo pai do menino, pois, Corrêa havia me explicado “da necessidade de entender o passarinho e

não o passarinho entender a pessoa”. E eu no momento lembrei como é importante conversar com o passarinho e como isso pode estimulá-lo o canto, pois “todo o animal quer carinho”. Ele me escutou atentamente, então eu concluí argumentando que dizem que até as plantas se beneficiam com esse tipo de tratamento. Ao ouvir meu relato o menino, aparentemente concordando com a atitude de seu pai acrescentou, encerrando o assunto: “Até as plantas, que não falam né?”.

Mais uma vez citando e parafraseando Geertz, (1989) a relação entre esses homens e seus pássaros é mais do que metafórica. Como vimos os homens dispensam muitos cuidados e dedicam muito tempo e trabalho a seu pássaro. A cena descrita por Hamilton, em que acordar cedo, erguer a gaiola em direção ao primeiro sol da manhã é comum na comunidade de Lagoa Encantada, ela consiste em introduzir diariamente no interior da gaiola (preferivelmente no mesmo horário, uma cumbuca com água, a qual o passarinho utiliza para se banhar), a alimentação (bem equilibrada e dosada) e o passeio – além de toda a preparação para os torneios envolvendo a relação com a fêmea. “Tem que entender o passarinho”. Quando me esforçava por compreender essa relação de “afinação” entre o dono e o passarinho, Corrêa definiu “É, é uma arte Capitão” – a arte não se refere ao canto do passarinho, mas à capacidade do dono (ou tratador) de entender o passarinho e propiciar as coisas certas – banho, passeio, alimentação adequadamente balanceada e “fêmea” (na duração, momento e frequência certos).

Geertz (1989) qualifica as rinhas de galos como “jogo absorvente”²⁴. O adjetivo também cabe no caso dos torneios envolvendo pássaros cantadores. Os participantes não usam o mesmo adjetivo, mas abusam do substantivo “paixão”. Nos depoimentos que obtive, havia um empenho em transmitir-me o quão absorvente era aquela prática,

²⁴ Creio que poderíamos apontar vários aspectos relativos aos torneios de pássaros que nos permitiriam falar também em “jogo”. Não creio, entretanto ser esse o caminho mais fértil para a discussão. Em todo o caso, vale esclarecer, caso o leitor tenha a mesma curiosidade que eu tive ao iniciar o campo, nos torneios que presenciei não há apostas durante a competição.

caracterizando-a como “um vício”, “uma doença”, “uma cachaça”, “um tóxico; você vicia com o passarinho!” Em certas situações, pareciam querer prevenir-me, como se dissessem “isso pega”. Numa das rodas em que eu estava presente durante a pesquisa de campo e cercado de “interlocutores voluntários”, um homem a quem já entrevistara anteriormente, passou apressadamente e gritou de longe: “Olha que ele vai virar passarinho!” Ao que um rapaz que acabara de conhecer responde, também em tom provocante: “Pelo menos curioso ele é!” (Às vezes, talvez iludido, tive a sensação de encontrar, na Lagoa Encantada, impressões de Geertz quanto aos Balinenses: “Em Bali, ser caçado é ser aceito”). (Geertz, 1989).

4.2 Os pássaros e os homens

(...) “O fato de que eles [os galos] são símbolos masculinos *par excellence* é tão indubitável e tão evidente para os balineses como o fato de que a água desce pela montanha”. (Geertz, 1989). No caso de Lagoa Encantada algo da mesma ordem ocorre com os pássaros.

“É muito difícil à gente chegar e explicar tudo para a pessoa que não tem noção do todo, né, mas é uma arte! Precisa entender e conhecer o passarinho. Às vezes com uma fêmea ele não se adapta, daqui a pouco com outra ele vai e dá certo. Tem passarinho que se a gente colocar ele para discutir ²⁵ cedo, no sábado ou no domingo, ele fica *amuado* como a gente diz, ele não canta. O cara então vai descobrindo que ele só discute às duas da tarde, às três da tarde, o outro já tem que botar na sexta, e assim

²⁵ Discutir no vocabulário dos passarinhos significa por os pássaros para se defrontarem uns com os outros no canto para se verificar qual deles permanece mais tempo cantando.

vai, uma série de macete.²⁶ Então tem coisas que acontece com o passarinho que até o dono descobrir leva tempo.” (Correia).

A identificação entre homem e papa capim é muito evidente. O papa capim, especialmente os que são preparados para torneios de cantos, “incorporam” atributos de masculinidade extremamente valorizados nesse contexto: valentia, fibra, poder e capacidade de enfrentamento e intimidação.

Embora comparável com a identificação entre homens e galos em Bali observada por Geertz (1989), essa identificação entre homem/papa capim – mesmo que “evidente” aos olhos do pesquisador – não atinge as proporções balinesas²⁷. Não há, no contexto que estudei – nem na comunidade de Lagoa Encantada, nem nos torneios de canto de pássaros que presenciei - o duplo sentido deliberado referido por este autor, (segundo ele encontrado tanto na língua inglesa quanto na balinesa) – trocadilhos, piadas e obscenidades assimilam homens e galos. Mesmo assim, embora não tão direta nem tão facilmente identificável na linguagem cotidiana dos homens criadores de fato ou de direito, a relação figurada entre papa capim e homem, evocando simbolicamente masculinidade com aspectos sexuais desta, é inequívoca.

Voltemos aos exemplos dados anteriormente através dos quais entendemos o que é o “embate” entre pássaros. Vimos que o risco envolvido durante as competições de canto de papa capins é dele piar e correr. Neste sentido, são significativas as falas de dois interlocutores reproduzidas anteriormente. O primeiro traduz a categoria correu usando, como sinônimo, a palavra brochou, que, acredito que em todo o Brasil, no português popular, significa a perda de uma ereção. O segundo afirma que o pássaro não pode continuar na roda depois de piar, porque feminizado, passará a ser ganjeado pelo

²⁶ Palavra geralmente utilizada em contextos populares que tem a função de designar recurso muito engenhoso ou astucioso para se fazer ou obter algo.

²⁷ Referindo sugestão de Bateson e Mead, Geertz afirma que os galos eram vistos como “pênis, auto funcionáveis, órgãos genitais ambulantes”. (Geertz, 1989)

que o submeteu – levanta o cu. Em ambas as falas aparecem aquilo que se insinua de forma muito sutil em toda a questão do hábito de criar pássaros, ou seja, seu aspecto sexual.

Neste ponto vale destacar as imbricações entre gênero e orientação sexual, que vão cartografar partes do corpo em masculino – ativo/pênis e feminino – passivo/ânus (Rios, 2004).

O interessante no seu aparecimento nos torneios de pássaros é o de acenar, ainda que de um modo um tanto velado, para o fato de que qualquer um está sujeito a feminização (passividade).

A possibilidade dos homens, ao serem postos em conjuntos, sentirem-se seduzidos pelos seus opositores e passarem a se comportarem como fêmeas. No mesmo sentido, dos homens se comportarem como homens e seduzirem outros homens, tendo pelos machos a sedução aceita.

Assim como em outros estudos sobre a construção da identidade masculina, Vale de Almeida (1995), os torneios de papa capins, aqui descritos, acenaram para um lado; passam estes a funcionar como uma “construção” que vai implicar em uma série de investimentos e preparações.

Uma construção ameaçada pelo contato com outros homens, supostamente bem menos preparados. Neste contexto, a ameaça de “levantar o cu” para o outro, a homossexualidade – ainda que não explicitada – se constitui como um dos maiores perigos e ameaças à masculinidade (Connel 1997, Rios 2004).

Por outro lado a metáfora fállica nele implicada se atualiza também na relação entre as mulheres, propriamente ditas.

É nesse sentido que se revela extremamente simbólica a história colhida por Motta (2002) na qual, uma mulher liberta os melhores pássaros do marido, ao descobrir

sua infidelidade sexual (e por certo também afetiva e relativa ao papel de provedor), que inclusive resultara em filhos. A mulher subtrai, assim, ao marido, aquilo que fazia dele um “campeão” e, se pensarmos o papa capim como metáfora fálica, promove uma castração simbólica.

Como as rinhas de galos – brasileiras e francesas (Teixeira, 1993) ou balinesas -, os torneios de canto de papa capins são tradicionalmente “uma atividade pública de apenas um sexo, sendo o outro excluído total e expressamente” (Geertz, 1989). O que pude colher junto aos colaboradores e interlocutores desta pesquisa é que até recentemente, as disputas de pássaros em Pernambuco eram experiências de androssocialidade; em localidades menos urbanizadas - como é o caso da Lagoa Encantada - ainda são exclusivamente masculinas.

Não é só de gênero que nos fala o “teatro” dos torneios de pássaros. Com vimos, embora faça parte da “alma masculina”, a “paixão” ou o “vício” pelo papa capim (e outros pássaros cantadores) não é exclusiva da comunidade de Lagoa Encantada. Na Associação dos Criadores, descobri que outras regiões do Brasil têm Associações que promovem torneios de pássaros, sendo o mais famoso deles o de curió e de espécies que não se verificam em Pernambuco, como é o caso do Cardeal.

Cheguei a falar com pessoas de outras regiões, como o Rio Grande do Norte e Sergipe, vindas a Associação apenas para participar de um torneio. Mesmo afirmando que, em suas regiões de origem à “Associação” é até “mais forte” (que a de Pernambuco) ou que fazem mais torneios. “Aqui na Associação é forte o negócio e torneio de curió, os de papa capim está começando agora” disse-me um rapaz com cerca de 30 anos que conheci num torneio de curió na Associação. Também ouvi: “Esse

costume de passear com a gaiola é um costume açoriano²⁸”. Todos são unânimes em reconhecer “o papa capim, assim como o hábito de criar outros pássaros em gaiolas” como um traço tipicamente masculino.

Em uma das conversas com Odilon uma das “lideranças” dos homens que criam pássaros para a competição na Associação, ele confirmou o que me fora dito por um outro interlocutor, isto é, que nessa prática “todo mundo é igual – do liso ao empresário”. No torneio realizado na comunidade, mesmo sendo um torneio direcionado para criadores de fato (os mutuqueiros), havia alguns outros personagens. Surubim me chamou atenção para isso: “É, tu vê, aqui tem hoje o seu fulano, (o dono de um grande supermercado da região), e tem também o seu beltrano, que é pedreiro aposentado, mas era pedreiro!” Se a presença de “autoridades” confere prestígio ao evento, a presença de autênticos anônimos, garante a autenticidade, conferindo-lhe assim também prestígio: reforça a identidade “niveladora” do evento, ou seja, as classes sociais ou as posses dos participantes são momentaneamente esquecidas e o que importa no momento é o proprietário do papa capim campeão.

Reitero, se Bali se revela nas rinhas de galo, algo dos homens de Lagoa Encantada se revela nos torneios de papa capins – disputas simbólicas, políticas e diferenças sociais.

²⁸ Das, ou pertencente ou relativo às Ilhas dos Açores, situadas no Atlântico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidi constituir Lagoa Encantada como campo de pesquisa, eu já me encontrava inserido em sua realidade, vivenciando o seu dia a dia e participando das peladas de futebol, freqüentando os bares que lá existem e sem perceber, me aproximando dos homens e dos pássaros que se tornaram o ponto de partida para que essa rotina se tornasse o objeto central de minha pesquisa.

Geertz (1989), no seu estudo sobre as sociedades balinesas, afirma que, por motivos que nunca pôde entender, de uma hora para outra, o balinês decide que o “estrangeiro” é real e se torna caloroso, simpático e alegre (embora ele faça a ressalva de que para muitos estrangeiros esse momento mágico nunca chegue). Tenho consciência de que esse momento nada teve de mágico na minha relação com os interlocutores da pesquisa e foi lentamente construído – um pouco intuitivamente como morador do bairro e conhecedor de alguns deles, mas certamente “calculado” como antropólogo.

Desde os primeiros questionamentos para a elaboração deste trabalho, me senti motivado para tentar estabelecer uma ampla visão do que significa o universo da criação de pássaros para os homens da comunidade de Lagoa Encantada. E através dele descobrir algo que antes não percebia na rotina dos homens que lá residem. Logicamente todas as análises que foram realizadas, talvez não expressem com exatidão este universo como um todo, mas certamente nos dará uma dimensão considerável do que estes homens sentem, que sentido eles encontram e, sobretudo qual a importância que eles creditam a uma prática aparentemente simples e pouco observada; mas de uma

riqueza de significados, vocabulário e com etapas bastante definidas, como busquei retratar.

Questões como a dimensão agonística do papa capim e a existência de um teatro absorvente (pássaro, gênero e sociedade) nos mostram que uma competição de pássaros não representa apenas a busca por um troféu, medalha ou boa colocação, mas traz à luz das ciências sociais algo que diz respeito a sofrimento, angústia, papéis sociais diferentemente representados e relações conflituosas.

Várias foram às constatações que posso citar a partir de um trabalho como este, pois conviver com homens criadores de fato e de direito, vivenciar suas rotinas, estabelecer estrita relação de confiança mútua, comungar de hábitos e práticas que efetivamente não fazem parte do nosso cotidiano e poder experimentar os sentimentos contidos no envoltório masculino desdobrados na figura do papa capim, a meu ver foram questões que ficarão cristalizadas na minha mente como elementos norteadores de uma cultura ampla e diversificada. Refletir sobre essas possibilidades e compreender como o modelo de construção social da identidade masculina é reforçado através de práticas eminentemente dos homens, traduz uma necessidade de problematizar ainda mais estas questões no campo acadêmico.

Os embates de masculinidade materializados através dos torneios de canto de pássaros demonstram como o grupo de homens estudados transfere os significados desses embates para uma esfera subjetiva e que não se encerra com as linhas deste trabalho. A subjetividade contida nos embates diz respeito a uma cristalização de um modelo hegemônico de masculinidade idealizado pela maioria dos homens vistas através de práticas cotidianas aqui representadas nos contextos específicos.

A exemplo das touradas e da farra do boi e, segundo a sugestão de Vale de Almeida (1995), podemos pensar as provas envolvendo pássaros cantadores,

especialmente os de “fibra”, como “teatros masculinos”, não só como situação (tradicionalmente) de sociabilidade, mas principalmente a dramatização da masculinidade que aí ocorre. Fazendo relação com o que escreve Santos (2003), sobre o reforço da virilidade como indicador da afirmação da masculinidade, cabe aqui também falar em “teatro de gênero”, ou seja, a relação masculino/feminino, entre masculinidades e feminilidades que são aí dramatizadas e pensadas.

Também está aí representado aquele pressuposto apresentado anteriormente segundo o qual masculinidade e feminilidade não estão colados a corpos físicos e genitalmente masculinos ou femininos. Fibra e valentia, atributos morais considerados masculinos, têm que ser forjados. O masculino aparentemente inscrito no corpo do macho pode dar lugar ao feminino como consequência de uma relação em que um macho, tendo potencializado sua masculinidade, domina e subtrai a do outro a fazendo fluir para feminilidade. Assim que o pássaro que pia deve ser retirado da roda para evitar que o outro trave, pois passará a ganjeá-lo.

Neste ponto, é pertinente fazer uma comparação com as rinhas de galo - não as de Bali, mas as brasileiras descritas por Teixeira (1993). O autor afirma que estão aí em jogo atributos morais pensados como inerentes à masculinidade, tais como: coragem, brio e estoicismo. Fibra e valentia, categorias usadas pelos passarinhos, também são atributos morais tradicionalmente masculinos e, mesmo sem o sangue derramado nos rinhadeiros, reforçam o caráter agonístico dos torneios de canto de papa capins.

Interessante que haja categorias similares. Segundo este autor, a pior derrota que um galista pode sofrer, é a derrota sem brio, quando o galo pia de galinha, fazendo com que a luta se encerre: “Como a rinha é para galos e um virou galinha, seu término é automático” (Teixeira, 1993).

Esses dois exemplos similares - do papa capim e do galo de rinha – ilustram o aspecto relacional do gênero (masculino e feminino se constroem via relação) e da fluidez do gênero, como feminino e masculino, (via relação, fluem de um pólo a outro).

Masculino e feminino: no pensamento da diferença (que perpassa as práticas descritas nesta pesquisa), está presente o aspecto relacional do gênero. O que potencializa a masculinidade em jogo nas provas é a relação. De forma sutil, aparece aí gênero como sendo construído reciprocamente na relação não apenas macho/fêmea, mas na relação entre masculinos e femininos. O “feminino” pode incluir um macho feminizado. Não só um macho é feito via aquecimento provocado pela fêmea e pelo estímulo do canto de outro macho, como também um macho pode ser feito fêmea se piar e correr a ponto de ser cortejado por outro macho.

Os argumentos contidos nesta dissertação são produtos de uma análise interpretativa de Geertz (1989), dos criadores de pássaros da comunidade de Lagoa Encantada, que trazem às luzes da ciência práticas conjuntamente representadas por um grupo de homens e, que, através de disputas entre seus pássaros cantadores também reforçam o ato de domínio sobre os outros homens num evento que tem diversas faces.

Finalizo estas linhas ratificando a relevância do tema em questão, acreditando que estamos num processo de construção de um campo teórico e de investigação para ampliarmos a compreensão dos seres humanos enquanto seres que se constituem através das suas relações sociais.

Sinto que o trabalho não se encerra por aqui, muito pelo contrário, faz provocações cujo intuito maior é fomentar o debate sobre como mulheres e homens, mulheres e mulheres e homens e homens produzem o sentido de suas vidas na sociedade em que vivem.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, M. (2003), **Sexualidade e prevenção de DST/AIDS**. Representações sociais de homens rurais de um município da zona da mata pernambucana, Brasil. In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19 p. (Sup. 2); S377 – S388.

ARILHA, M. RIDENTI, S. G. U. MEDRADO, B. (1998). **Homens e Masculinidades**, Outras Palavras, São Paulo: Editora Ecos.

BEAUVOIR, S. (1970). **Moral da ambigüidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

BICHARA, I. D. (1999). **Brincadeira e cultura**: O faz-de-conta das crianças Xoco e do mocambo (porto da folha/se). Material não publicado.

BOAS, F. (2004). **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro, Zahar.

BOURDIEU, P. (1999). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CARDOSO, R. C. L. (Org.) (1988), **A aventura antropológica**: Teoria e pesquisa. São Paulo, Paz e terra.

CARVALHO, J. J. (1987). “**O jogo das bolinhas de vidro**: uma simbólica da masculinidade”. In Anuário Antropológico. Brasília: UnB/Tempo Brasileiro.

CECCHETTO F. R. (2004). **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro, Editora. FGV.

CONNEL, R. W. (1997). “**La Organización Social de la Masculinidad**” in VALDES. Teresa y OLAVARRIA, Jose (eds). Masculinidades: Poder e Crisis. Santiago. Chile, Ediciones de las Mujeres, N. 24.

DAMATTA, R. (1978). “**O ofício do etnógrafo ou como ter o Antropological Blues**”. In NUNES E. (org). A aventura sociológica, Rio de Janeiro. Zahar.

FARIA, N. (1998). **Sexualidade e Gênero**, Uma abordagem feminista, São Paulo. Sempre Viva Organização Feminista.

FERREIRA, Aurélio. B. H. (2001) **Dicionário da Língua Portuguesa**; 4ª ed. Ver. Ampliada - Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FLORES, M. B. R. (1998). **A farra do boi**: palavras, sentidos, ficções. 2 ed.. Florianópolis: Editora da UFSC.

GIDDENS, A. (1991). **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP. (Biblioteca Básica).

GEERTZ, C. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC.

GOLDENBERG, M. (2000). **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Record.

HEIBORN, M. L. (1999). "**Construção de si, gênero e sexualidade**". In: HEIBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, P. 40-58.

_____; BRANDÃO, R. E. (1999). **Introdução: ciências sociais e sexualidade**. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, P. 7-17.

_____; CARRARA, S. (1996). **Em cena os homens**. Estudos Feministas, V. 6, Rio de Janeiro IFCS/UFRJ, 176 p.

_____; CARRARA, S. (1996). **Em cena os homens**. Estudos Feministas, V. 6, Rio de Janeiro IFCS/UFRJ, P 56.

KAUFMAN, M. (1998). **Las experiencias contradictórias del poder los hombres**. In: VALVEZ, T.; OLAVARRIA, J. (Orgs). **Masculinidades, poder y crisis**. Chile, Ediciones de las Mujeres. N. 24.

KIMMEL, M. (1997). "**Homofobia, temor, verguenza y silêncio en la Identidad Masculina**" in VALDÉZ, T; OLAVARRIA, J. (orgs), **Masculinidades Poder y Crises**. Chile, Ediciones de las Mujeres, N. 24.

LACERDA, E. (1990). (org.). **Farra do boi**: uma introdução ao debate. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.

LEAL, O. F., BOFF, M. A. (1996). "**Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional**", In: PARKER, R.; BARBOSA, M. R. (Orgs), **Sexualidades Brasileiras**, Rio de Janeiro, Relume–Dumará, P. 119-135.

LEVI-STRAUSS, C. (1962). **As estruturas elementares do Parentesco**. Petrópolis, Vozes.

_____(1997). **O pensamento selvagem**. 2 ed. Campinas: Papyrus.

LONGHI, M. e QUADROS, M.; (2002). **Perfil da situação de saúde do Ibura**. Documento de circulação interna da pesquisa. "Estilos reprodutivos masculinos e femininos e organizações representativas: gênero, idade e saúde reprodutiva no sertão de Pernambuco e na Região Metropolitana do Recife". FAGES/UFPE.

LOURO, G. L. (2001). **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 4ª ed. Petrópolis. Editora Vozes, 179 p.

- LOYOLA, M. (1994). **A Percepção e prevenção da AIDS no Rio de Janeiro**. In: AIDS e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,
- MAIR, L. (1972). **Introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro, Zahar, Capítulos 1, 2 e 3.
- MALINOWSKI, B. (1978). **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural.
- MARTINS, J. S. (2000). **A sociabilidade do homem simples**. Cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucetec. 210 p.
- MEDEIROS, E. B. M. (1990). **Brincadeiras e brinquedos como manifestação cultural**. Cadernos do EDM: São Paulo. Comunicações & Debates, 2, 132-140.
- MOTTA, F. M., (2002). **Gênero e Reciprocidade** - Uma Ilha no Sul do Brasil. Campinas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. (Tese de Doutorado).
- NASCIMENTO, P. F. (1999). **“Ser Homem ou Nada”**: Diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe – PE. Recife. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE. (Dissertação de Mestrado).
- NETO, S.J. (1999). **O jogo de bolinhas de gude**: São Paulo. Cadernos do folclore. Mec.
- NOLASCO, S. (1993). **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco.
- OLIVEIRA, P. P. (1998). **Discurso sobre a masculinidade**. Rio de Janeiro: Estudos feministas. V. 6 N. 1, P. 103-112.
- PARKER, R., (2000). **Na contramão da AIDS**: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro, Editora 34/ABIA.
- PEIRANO, M. (1995). **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara.
- PEREIRA, C. A. M. (1995). **Que homem é esse?** O masculino em questão. In Nolasco, S. (org.). A desconstrução do masculino: Rio de Janeiro. Rocco. P. 53-58.
- PONTES, F.A.R., GALVÃO, O.F. (1992). **Estudo descritivo das regras do jogo de peteca** (bola de gude). Boletim de Psicologia, Sociedade de Psicologia de São Paulo, 42 (96/97), 79-88.
- RAMIRES, R. V. (1997). **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Ventos.

REGO, C. P., ALVES, M. F. P. (2003). **Relatório da pesquisa – Masculinidade, Sexualidade e Prevenção de DST/AIDS**: Um estudo sobre representações sociais entre trabalhadores da construção civil do Recife - PE, PIBIC, Recife-PE.

RIOS, L. F. (2004). **O Feitiço de Exu** – Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado) Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social: Rio de Janeiro.

SAFIOTI, H. (1987). **O poder do macho**. São Paulo, Moderno.

SAHLINS, M., (1990). **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar.

SANTOS, V. B. (2003). **A construção social da masculinidade sob o foco das atividades lúdicas infantis**. Recife-PE. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE. (Dissertação de Mestrado).

SCHPUN, M. R. (1997). **Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo**: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, M. R. (org.) *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres.

SCOTT, J. (1995); “**Gênero: uma categoria útil para análise histórica**”. Recife SOS Corpo.

SILVA, R. J. (2004). “**Ampliando o foco**”: **Capacitando homens trabalhadores da construção civil. – Uma experiência de intervenção**. Recife-PE, Departamento de Ciências Domésticas. UFRPE, (Monografia de Graduação).

_____ (2005). **O Homem com os Homens**: Um Bar como Espaço de Sociabilidade Masculina. In: VIII Encontro de Ciências Sociais. Recife, PE.

SIMON, W. and GAGNON, J., (1999). **Sexual Scripts**. In: PARKER, R. e AGGLETON, P. (ed.) *Culture, society and sexuality: A reader*, London: UCL.

TERTO JR., V., (2001). **As histórias de vida na pesquisa sobre homossexualidade e AIDS**. In: *Sexualidade, gênero e sociedade*. Número 14 – Dezembro de 2000. Rio de Janeiro: IMS.

TEIXEIRA, S. A. (1993). **Brigas de galo e expressão ritual de atributos morais de gênero**. In: FONSECA, C. (org). *Fronteiras da cultura*. Porto Alegre: Editora. Universidade/UFRGS.

VALE DE ALMEIDA, M. (1995). **Senhores de si** – Uma interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa, Fim de Século.

VILELA, WILZA. V. (1998) “**Homem que é homem pega AIDS?**”. In: ARILHA, M; RIDENTI, S. e MEDRADO B. (Orgs.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Editora Ecos, P. 34.

WACQUANT, L. (2002). **Corpo e Alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução de Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

WELZER-LANG, D. (2002) **A construção do masculino**, dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, vol. 9, p. 460-482.

ZALUAR, A. (1986). **Teoria e prática do trabalho de campo**: alguns problemas. In CARDOSO, Ruth. A aventura antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra.